FON FON
FON FON
ANNO XXVII —— N.º 32
Rio, 12 de Agosto de 1933
—— PREÇO: 1$000 ——

O CONTO BRASILEIRO

ESTOICISMO

De Antonio Marrocos de Araújo

A canôa descia o rio, indolentemente, ao sabôr da correnteza. A's nove da noite desagarrára das ribanceiras do S. Francisco, em Propriá, e lá se vinha abrindo o seu caminho na noite, ao embalo voluptuoso e molle das aguas. Cesario, manobrando o leme, com displicencia, cedia ao enfado e ao somno. O proprio rio, no espreguiçamento languido de suas aguas, estirando-se para o oceano, parecia incentival-o ao abandono bom dos musculos fatigados. Afeito, na fazenda natal, ao embalo e á indolencia que a rêde guarda nas suas dobras macias, o balanço, qualquer que elle fôsse, tinha o condão de lhe espalhar pelo corpo todo uma lassidão enlanguecedora. E que era aquelle rio, afinal, sinão uma imponderavel rêde liquida, armada pela mão portentosa de Deus, das encostas remotas da serra da Canastra para a bôcca ululante do mar turbulento?...

Cesario, na manobra do leme, ora cabeceava, ao peso da fadiga, ora abria os olhos, desmesuradamente, numa promessa surda a si mesmo de cumprir o seu dever, pilotando com vigilancia a pequena embarcação, que acolhia no seu bôjo uma duzia de creaturas. Esporeando-lhe a noção da responsabilidade, alli estava, martelando o seu cerebro, a lembrança de que, lá em baixo, passeava, numa ronda sinistra, o cardume temido das piranhas, á espera de um desastre para a realização macabra do almejado banquete sangrento... A piranha infunde, com justa razão, um forte terror aos que viajam na ondulante estrada do rio. Mais terrivel do que os piratas da Barbaria, que arrancavam o oiro e as joias, — o inexoravel salteador fluvial, o tremendo bandido aquatico reclama a vida, que estertora, convulsionada, e se esváe, aos golpes formidaveis dos seus alvos dentes lampejantes...

Mais vigilante, agora, Cesario segurava o leme.

A lua, por cima da negra muralha da floresta, parecia uma hostia illuminada, e o silencio era tão grande, e tão grande o recolhimento da natureza, que Deus, parecia, naquella hora, celebrava a missa cósmica dos elementos...

Noites de luar... Ellas se assemelham a um caminho rútilo e deslumbrante, que conduz ao castello magico do passado, onde dormem sonhos esfarrapados, que já foram, na vida, miragens allucinantes... E quem ainda não percorreu, commovido, esse caminho de evocação e de saudade?!...

Cesario mergulhára no tempo, e matutava, envolto na luz dolorida do luar, que parecia feita de lyrios diluidos. Crescêra nos sertões rasgados e immensos do Piauhy, lá nas vizinhanças de Campo-Maior. Aprendêra, na doce resignação dos bois de sua terra, esse habito de ser um manso, um bom e um simples. Sentira, lá, a arvore do amôr enterrar raizes no seu coração. Mas — pobre arvore! — emmurchecêra antes de florir, de esbanjar perfume, de fructificar. E para que fôra elle, por uma miseravel nesga de terra, metter um balaço na perna do coronel Florentino? Depois, foi a fuga, desnorteada, sem rumo, mundo em fóra. Alli ficára, em Propriá, como cão sem dono, muito tempo. Um dia, "já cansado de não trabalhar", é que se lembrára de abraçar a vida de embarcadiço. E que embarcadiço! Logo de canôa, sem a compensação de viajar terras longinquas e esquisitas, como os homens do mar. De tanto vêr o rio, p'ra lá e p'ra cá, já estava farto. E agora, como se desenrolaria o seu futuro? A familia distante, noticia da noiva não havia, e a saudade a machucar o seu espirito!...

A's vezes ria, para não chorar de tanta desventura; outras, procurava penetrar, como um mergulhador audacioso, nos arcanos insondaveis do fatalismo, que, na vida, fechára todas as portas da alegria, e lhe escancarára todas as cancellas lôbregas da dôr. O destino e a fatalidade, que já haviam sido objecto de longas e cansativas lucubrações para a sabedoria dos arabes, pesavam-lhe sobre o espirito, como duas implacaveis mãos de chumbo, que elle sentia, mas não sabia explicar. E não seria elle quem fôsse desvendar os antros escuros do determinismo, cujos meandros insondaveis já haviam desafiado a atilada acuidade e as investigações pacientes de philosophos melancolicos e experimentados, que, implorando, em vão, as luzes de Allah, nada explicaram, e esbarraram nas regiões tenebrosas do mysterio, consubstanciando a precariedade do seu esforço exhaustivo na inexorabilidade acerba das duas palavras lancinantes: "estava escripto".

No alto, as estrellas começavam a apagar as lampadas lucilantes dos seus pequeninos olhos. A alvorada rompia, e o rosto escuro do céo abria-se num claro sorriso de luz. Muita vez, a canôa beirava a margem do rio, tocando, balançando galhos, que lembravam braços enramados, agitados em despedida aos que se iam... Não raro, um cardeal, sentindo a claridade que a madrugada derramava na sua immensa gaiola, que era o céo amplo e eram os campos sem fim, cantava, frenetico e vibrante, tendo no peito, e exprimindo no canto, a alegria universal das coisas. Os bemtevis — inquietos acróbatas emplumados — andavam pelo espaço a fazer uma gymnastica complicada, um alegre exercicio matinal...

Penedo, embrulhado ainda nas névoas da manhã, apparecia, ao longe, com as suas casas pousadas no cocoruto dos morros, ou agarradas nas encostas. Destacava-se, na tela azul do céo, como uma esquisita scenographia, sahida do pincel de um artista bizarro. Galgando morros, numa ascenção chaótica, tinha semelhanças com a famosa cidadella da antiga Athenas — a Acrópole, — tal como se nos apresenta nos quadros historicos. Mixto de ruinas grandiosas e augustas, abandonadas á picareta demolidora do tempo, e de construcções moldadas dentro do moderno estylo architectonico, Penedo enterra as suas raizes no passado, em busca de seiva, nas reservas de tradição e de experiencia, para, illuminado pelas lições bebidas na fonte lustral das idades mortas, guindar-se, numa resurreição espantosa dynamizada por energias moças, á altura dos hodiernos núcleos civilizados...

(Continúa na pag. seguinte)

Pela atmosphera passavam já, em festivas revoadas, vozes limpidas de sinos alcandorados em campanarios vetustos. A cidade acordava ao canto dos velhos pássaros de bronze, pousados, ha quantos annos, nos seus brancos e elevados ninhos, que são as torres das igrejas...

Cesario descobria, agora, com nitidez, todos os contornos de Penedo. As chaminés das fabricas davam seguros traços verticaes na diaphaneidade anilada do céo. Uma ou outra arvore punha uma festa virgiliana no panorama recortado de telhados rubros, ou negros. Oitões alvos, ao sol, eram como lampejos de micas formidaveis.

O caboclo desviou o olhar, estirou-o por sobre o dorso do rio, até com elle abraçar Villa-Nova, lá na outra margem. Com o olhar perdido displicentemente nas paiza-

ESTOICISMO

(Continuação)

♣

gens já afogadas em luz, até se esquecêra de virar o leme, para a canôa encostar. Quando esta tocou a terra, puzeram-lhe, do chão para a borda, uma taboa — precaria e flexivel ponte provisoria para a descida dos passageiros. O "mestre" arrecadára o dinheiro, e passára a Cesario uma cedula de dois mil reis, pagamento irrisorio de uma noite de vigilancia, no governo do barco. A mesquinha quantia aguçou-lhe o appetite para um café saboroso, e elle se approximou de uma barraca de lona, que se erguia, e ondulava ao vento, num geito de tenda de campanha. Um cuscús louro, fendido em talhadas grandes, pôz-lhe agua na bôcca, e uma fatia desse succulento manjar matuto desfez-se ao contato dos seus rijos dentes, de mistura com o gostoso café fumegante. Com o estomago forrado, sobreveiu-lhe uma indolencia invencivel, que depressa se transformou num entorpecimento profundo, reclamando um somno reparador. Todos os seus membros afrouxavam-se, numa lassidão dominadora, como si houvesse ingerido uma forte dóse de bebida alcoolcia. Quando andava, as pernas bambeavam, num como grotesco ensaio de dança bárbara, a cabeça andava-lhe ás tontas, e as palpebras pesavam-lhe, descendo sobre os olhos, como cortinas de chumbo. Procurou firmar a marcha, rumo á canôa, pouco distante. Contornou pilhas enormes de esteiras, ziguezagueou, num outro trecho, por entre potes, alguidares, bilhas de barro, — productos de uma ceramica, que foi uma dádiva artística dos autóchthones, e que se vem aprimorando e adquirindo modalidades plásticas mais meritorias, seculos em fóra, nas mãos habeis e caprichosas de oleiros pacientes. Afinal, Cesario attingiu o seu duro leito fluctuante. Numa das táboas da tolda, cheia de uma penumbra triste, se estirou, num espreguiçamento bom. O corpo fatigado encontrou ali a volúpia do descanso, e foi cedendo á modorra. Seu cerebro não mais trabalhou no velho habito de mastigar reflexões melancolicas, e apenas o seu pensamento vagabundo se deu ao luxo de um passeio ligeiro pela casa da noiva, no seu Campo-Maior distante. Instantes depois, estava todo entregue ao somno, — um somno profundo de coisa bruta. Sonhos, interrompidos a intervallos, e de pouca nitidez, brincaram na arena de sua imaginação entorpecida, e depois se desfizeram, sem que deixassem um sulco de alegria, ou de

ESTOICISMO

(Continuação)

✤

tristeza, na placa impressionavel, photographica, da lembrança.

— Acorda, Cesario! Vamo-nos embora, que já são onze horas! — berrou-lhe, ao ouvido, o "mestre" da canôa, pousando-lhe a mão pesada nas espaduas.

Elle despertou, num fundo suspiro, pestanejando os olhos, que reclamavam contra a claridade. Abotoou a blusa e, duas ou trez vezes, escancarou as maxillas, num bocejo longo de preguiça e de somno. Abandonou a tolda e foi para o assento do leme, emquanto se completavam os ultimos aprestos da partida.

Seu olhar embebeu-se, então, na belleza do mundo, sorvendo a alegria da natureza. O rio até parecia uma fabulosa serpente, rasgando as entranhas da terra na sua passagem atrevida, e cujo dorso o sol mordesse com os dentes de ouro da sua luz cáustica. O volumoso caudal vermelho dava, tambem, a idéa de que era o sangue, a correr, de um monstro formidando, sangrado pelo braço de um cyclope descommunal. Canôas de velas espalmadas, como laminas enormes faiscando ao sol, deslisavam ao longe, num passo macio de aves faceiras. Na outra margem do rio, a fabrica da "Passagem", toda branca, punha uma nodoa de arminho na decoração scénica daquelle trecho real do tablado da vida. Pássaros ligeiros riscavam o azul, em esdruxulas piruêtas aereas.

Cesario virou-se para o povaréu, que resmungava um alarido confuso e idiota. No meio do tumultuoso ruido inintelligivel, explodia, raro, com limpida sonoridade, o pregão de algum barraqueiro tagarela.

Os ultimos passageiros retardatarios já se encontravam no bôjo da canôa, e as velas se desenrolaram ás cipoadas do vento, para a jornada de sempre.

A attenção de Cesario fôra solicitada para o manejo do leme. A pequena embarcação tomava, agora, rumo, cortando a agua barrenta...

Com uma hora de viagem, já a visão das ultimas casas se apagava, esfumando-se no horizonte. A paizagem que o envolvia, em meio ao seu caminho de todos os dias, era de u'a monotonia inquebrantavel. A eterna perspectiva, já photographada nitidamente na sua retina, era o convite implacavel para a contemplação interior de si mesmo. Escasseando curiosidades para a percepção visual, abriam-se-lhe os olhos d'alma para o panorama intimo da sua dôr. Vinham-lhe, em bandos tumultuosos, reminiscencias gratas do passado. Sentia nos pés, ora cansados, antigamente lépidos, a agilidade morta para os sambas sertanejos. Aos ouvidos, cantavam-lhe nostalgicas sonoridades de violas, arrebatadas, de longe, de sua terra, pelas azas milagrosas da recordação. Seus braços guardavam ainda uma voluptuosidade bôa de contactos macios com espaduas morenas e perfumosas. Repassava o rosario

(Continúa na pag. seguinte)

PREOCCUPAÇÕES DE UM CASAL

«Neste interessante livro, parece, encontrei a definição do nosso caso. Digo nosso, porque, embora sendo minha querida a enferma, identifico-me de tal modo com os seus soffrimentos, que torno-me também um doente; além disso, a sua moléstia é, mesmo, daquellas que contaminam os que vivem no mesmo ambiente.»

Assim, declarou á sua esposa, que se achava presa de uma forte neurasthenia sexual, o cavalheiro, também victima de um esgotamento nervoso. Eis o que elle lia naquelle folheto:

«As causas da neurasthenia residem tanto no terreno espiritual como no terreno corporal. No terreno espiritual temos que considerar inquietações de todas as especies, cuidados, afflicções, em summa todos os acontecimentos que desfallecem e desanimam uma creatura; no terreno corporal temos em primeiro plano o trabalho excessivo, o qual, hoje em dia, é exigido de quasi todos, para conseguir os meios de subsistencia.

Sob o ponto de vista sexual, temos que considerar tudo aquillo que está em opposição com uma vida sexual sadia, sejam prazeres exagerados, ou completa abstinencia, sejam outras irregularidades taes como... etc., etc.»

Nesse quadro de côres mórbidas o marido entristecido via a origem do mal que atormentava sua bôa companheira e que directamente reflectia sobre o seu systema nervoso; e indagava comsigo mesmo qual o caminho a seguir para reconsquistar aquella felicidade que fôra o traço dominante dos primeiros annos de sua vida conjugal.

De certo, não é aos calmantes ou a outras drogas que se deve recorrer em semelhante emergencia, não; a medicação aconselhada para esse estado de esgotamento são os estímulos das secreções internas, ou sejam os hormonios elaborados por certas glandulas. Estes elementos, também chamados de sumos myrteriosos, encontram-se consubstanciados no preparado allemão Pérolas Titus cujo emprego já é bem conhecido, no nosso meio clinico.

Como são de grande importancia para a paciente as prescripções e os conselhos que lhe possa dar um clinico, põe-se, gratuitamente, á sua disposição o consultorio medico installado á Av. Rio Branco, 173, 2.° andar, nesta capital. As damas são attendidas por uma senhora que as encaminhará ao medico assistente, todos os dias das 10 ás 12 horas e das 15 ½ ás 17 ½; aos sabbados, só no horário da manhã.

UM HOMEM ALLUCINADO

FREDERICO EVANS retrocedeu. Cosou-se á parede, num canto sombrio.

Seu coração batia fortemente. Um jubilo quente, delirante, o inradia. Suas informações eram pois, exactas, e a obsessão daquellas perseguições ia terminar; sua longa carreira através do mundo, sua vida e a dos outros dois seres teriam fim ali: naquella cidade, naquelle hotel, naquelle corredor.

Frederico apalpou o "browning" que trazia no bolso do paletot, e um terrivel sorriso illuminou-lhe o duro semblante.

O casal passou quasi roçando-o; Frederico cerrou os dentes ao aspirar um perfume que conhecia muito bem. Uma porta se abriu e fechou em seguida. Frederico precipitou-se:

— Numero 8... Muito bem! — murmurou.

Desceu á gerencia e obteve o numero 7. Uma porta de communicação entre os dois quartos. Suspendendo a respiração, Frederico apoiou-se á porta, escutando os ligeiros rumores que chegavam até elle.

Era tal, porém, o seu odio, que teve que abandonar o posto de observação, receiando que entre elle e seus perseguidos se estabelecesse uma corrente de telepathia, que pudesse alarmar a esposa e mallograr sua vingança.

Estendido sobre o leito, pensou:

— Ah! Monica, Monica!... Tudo vae acabar... Sim, terminarás tua fuga debaixo de tantos céos differentes. Já não passeiarás pelo mundo tua ventura manchada por um terror covarde. E eu também não mais passeiarei pelo mundo meu odio desesperado e impotente.

Dois annos antes, Frederico encontrára, uma tarde, sua casa vazia. A esposa fugira com outro homem, Frederico afundára-se em uma dôr infinita. Mas a reacção brutal não tardou a impellil-o á superficie do mar de sua dôr e a

---

ESTOICISMO

(Conclusão)

sem fim das suas sensações amaveis, arrancando-as todas do cemiterio em que jaziam inertes.

Si algumas vezes, passageiramente, o atormentava um desespero inclemente, noutras occasiões tinha mais resignação do que o patriarcha biblico de Hus e mais estoicismo do que Posidonio, o torturado philosopho da Syria.

A sua imaginação armava planos, equilibrava idéas, muitas dellas parecidas com castellos pueris... Ficar ali, como um pária, no abandono, recebendo ninharias por serviços consideraveis, seria a submissão covarde ao jugo implacavel da miseria... Voltar á sua terra era impossivel, já porque lhe faltavam meios, já porque, si houvia a convidal-o o affecto da noiva, o conchêgo da familia, — infundia-lhe terror um processo por crime de ferimentos, na pessôa do coronel Florentino. A sua terra natal apparecia-lhe, em visões macabras de sonhos tormentosos, escancarando-lhe a medonha bôcca de um ergastulo...

Uma unica vez, momento de soturna cogitação martyrizante, perdendo a sua grande serenidade, pensou em atirar-se ás aguas para se entregar á fome das piranhas.

De Claude Geval

adoração que professava pela mulher transformou-se em terrivel odio.

Animado por um irresistivel desejo de vingança, lançára-se á pista dos culpados. Em Genebra, o casal conseguiu fugir em auto, deante de seus olhos. E, durante dois annos, os fugitivos passaram de cidade em cidade, sempre perseguidos e nunca alcançados. Havia trez mezes que o casal descuidava sua vigilancia, julgando-se a coberto de toda surpreza. E, agora, estavam ali, confiados, separados por um simples tabique de Frederico, que começava a saborear sua vingança.

De repente, Frederico, sobresaltado, ouviu vozes agitadas.

Correu a escutar á porta...

— Não está prompto?... — dizia a voz de Monica. — Tanto peor para ti... Eu já vou... Tenho que passar um telegramma... Vêr-nos-emos no baile, camarote 4.

Frederico apertou os punhos. Uma voz de homem se elevou:

— Monica, esse baile te interessa tanto?... Gostaria que ficassemos aqui...

— Não!... Depois do que resolvemos, prefiro ir ao baile... Até logo... Não esqueças, no 4...

O ruido da porta que se abria e se fechava. Frederico esperou um instante; depois sahiu do quarto, sem fazer o menor ruido.

Ninguem no corredor... Abriu com um empurrão a porta do n. 8... Um homem gritou. Frederico fechou a porta com as costas e se apoiou contra ella. Houve um tragico silencio... Cara a cara, os dois homens pareciam duas estatuas; só os olhos viviam, intensamente, naquelles rostos pallidos, onde o medo e o odio pareciam estampados.

Um gesto do homem surprehendido provocou a acção latente. Frederico deu um pulo e suas mãos agarraram ferozmente a garganta do rival. A luta foi violenta, porém breve...

De repente, Frederico só teve contra elle um corpo inerte. Soltou a presa... O cadaver cahiu...

(Continúa na pag. seguinte)

Logo, veiu, porém, uma reacção instinctiva integrál-o na ansia de vida, que palpita, e estúa, na humanidade inteira.

Só, voltado para dentro de si mesmo, num estoico egoismo inconcebivel, jamais extravasára a sua dôr, derramando-a em lamentações patheticas. Nunca se aproximára de uma pessôa, tentando commovêl-a, ou enternecêl-a, abrindo as cortinas que escondiam o seu drama intimo.

Si não chorára ainda, como Jeremias, tambem não ameaçára os deuses, como Ajax...

Preferia carregar a alma enlutada, a mostrál-a atormentada aos olhos malvados da humanidade.

O destino, ou a fatalidade, desencadeára a tormenta no seu espirito; mas elle, — Leonidas redivivo asylado nas Thermopylas da sua resignação, — enfrentaria todas as furias da adversidade, todos os vendavaes do infortunio, sem um desfallecimento, — como o grande espartano defrontou as hostes aguerridas de Xerxes, no desfiladeiro historico da Thessalia...

E, sem os afagos amaveis dos bons fados, e debaixo do látego de fogo da miseria, venceria o destino, venceria a fatalidade, acastellado no reducto inexpugnavel, na trincheira homerica da sua impassibilidade muçulmana, do seu sereno estoicismo...

UM HOMEM ALLUCINADO

(*Conclusão*)

Com um sangue frio terrivel, Frederico lançou um olhar em torno. Na cama, uma mascara e um dominó preto. Frederico vestiu o disfarce, apoderou-se da mascara e abriu a porta.

Retrocedeu... Um homem estava ali, á espera, attrahido talvez pelo rumor da luta. Com um gesto violento afastou-o e fugiu escadas abaixo. Atraz delle se levantou um tumulto de gritos e toques de campainha.

Passou o vestibulo correndo loucamente e precipitou-se na rua. Sem diminuir a marcha, virou a cabeça para traz. Um grupo de homens sahia do hotel em sua perseguição.

Redobrou seus esforços... Quando chegou á sala, seus perseguidores perderam-se á distancia.

Entrou... Abriu passagem com os cotovellos entre os dançarinos e collocou a mascara, ao vêr Monica apoiada á borda do camarote. Dominando a emoção que o invadia, subiu alguns degráus e ganhou o corredor.

Bateu á porta do n.º 4. Entrou... Parou no humbral... A mulher, a quem tanto amára, estava alli, deante delle. Inconscientemente, sorriu com ternura sob a mascara, como sorria, outr'ora, ao penetrar em casa, onde Monica aguardava seu regresso.

Lá em baixo, quatro homens atravessavam a sala de baile. Em um abrir e fechar de olhos, todas as portas foram vigiadas.

Frederico comprehendeu que estava perdido. Restavam-lhe poucos minutos de liberdade. O perigo imminente recordou-lhe os projectos de vingança, e, novamente senhor de si, encarou Monica.

Mas esta falou primeiro.

— Tira a mascara... Ficas horrivel! — disse. Não?... Como queiras... Previno-te que não voltarei ao hotel. Mandei ás malas á estação. Passei um telegramma a meu marido.

Frederico estremeceu:

— Que?!

— Não tomes este tom tragico. Sabes perfeitamente o que digo. Minha decisão é irrevogavel.

Monica olhou Frederico inclinado para a frente, as mãos crispadas, encarando-a com fixidez de allucinado. Com voz mais doce continuou:

— Sinto dar-te esse desgosto. Mas, que queres?... Nem tu nem eu temos a culpa do que succede. Segui-te por toda parte sem vacillar, certa de que te amava, de achar em teu amor a ventura que sonhára. Depois... comprehendi que só amava o homem que tinha abandonado... Não! Não digas nada, peço-te... Ha muito tempo já teria implorado o perdão de Frederico, si não tivesse receio que elle pensasse que era medo. Hoje, que o despistámos definitivamente, telegraphei. Verá, assim, que minha resolução é sincera. Quero voltar para casa, que nunca deveria ter abandonado. E, si Frederico não me repellir, consagrar-lhe-ei toda minha vida com devoção purificada pela dura experiencia... Amo meu esposo. Nunca amei a outro homem. Com estas mesmas palavras decidirei Frederico: elle me crerá, porque tambem me ama.

Exaltado por uma alegria delirante, Frederico tirou a mascara e abriu os braços. Monica deu um grito.

De repente, uma pallidez mortal estampou-se no semblante de Frederico.

Ouviam-se passos no corredor. Os agentes invadiram o camarote.

Frederico deixou-se cahir sobre uma cadeira, virou o rosto para Monica e, com voz entrecortada de soluços, gemeu:

— E' tarde, Monica!... E' tarde!... Acabo de matar teu amante!

Saibam todos...

NINA (Capital) — Oh! E' muito interessante a sua missiva ingenua. Vê-se bem que é *marinheira...* de primeira viagem... no barco sem rumo do amor...

Vejamos, porém, o que v. ex. me escreve:

"Yves. Espero que me desculpe por tomar a liberdade de escrever-lhe, o que se fez absolutamente necessário, para lhe rogar a fineza de responder-me a uma pergunta. Lá vae ella. Responda-me sinceramente:

Qual o homem que ama com mais ardor o loiro, ou o moreno?

Responda-me pois necessito orientar-me. Acabo de ler "Uma garçone carioca" o seu lindo e delorido romance. Vou passal-o a diversas amiguinhas que não de apreciál-o como eu. Fique certo, Yves, de que lhe ficarei eternamente grata e não mais o aborrecerei. Sua admiradora e exaltadora, — *Nina.*"

Muito bem. Queira agora lêr a resposta que lhe devo...

O amor, mesmo quando epidermico, muito superficial, meio casto e positivamente platonico, não depende da pélle, nem da côr da epiderme...

Tanto ama o louro como o moreno.

Si o amor fosse uma questão de côr, de pélle ou de couro, um homem, para se apaixonar, necessitaria:

1º de ser tintureiro;

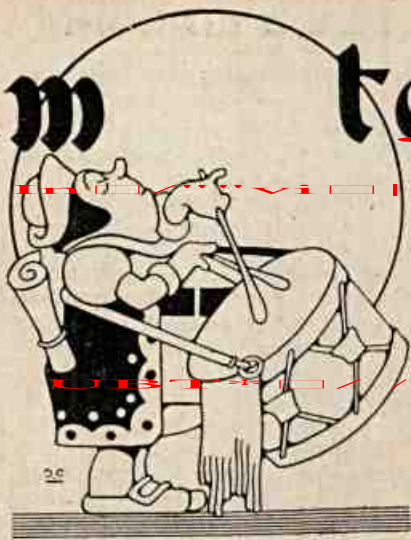
2º de ser corrieiro ou vendedor de péles & companhia.

Mas não, d. Nina. O amor, como eu o encaro, tem sempre as suas raizes lançadas no coração. Depende, portanto, mais da carne do que da péle, da côr e dos ossos...

De modo que em materia de amor, tanto pode amar, com ardor e sinceridade, o açougueiro louro e o tintureiro moreno, o homem das péles (não confundir com *pélos* — dinheiro, *nota*, etc, etc) e dos couros, quer dizer o sapateiro, ou o padeiro e o magarefe. Não importa que sejam cabrochas, brancos ou mulatos.

Tudo ama! Todos gostam do amor...

Bem diz Béranger:

C'est l'amour, l'amour, l'amour
qui fait le monde
à la ronde...
Et chaque jour
à son tour
le monde fait l'amour...

Gostou, d. Nina?

Mas, fóra de brincadeira. Não é possivel dizer porque é que se ama.

Voltaire sentenciou que "o amor é de todas as paixões a mais forte. E isso porque ele ataca, simultaneamente, a cabeça, o coração e o corpo"...

E é essa a verdade.

Não se pode dizer porque se ama

Não se pode dizer porque se ama, nem quem é que mais ama: — si o louro ou o moreno; o feio ou o bélo, o pobre ou o rico, o homem de espirito inculto ou o de espirito culto.

Quando se ama realmente, o cerébro não raciocina. Não se sabe si se tem ou não tem razão para amar. Tudo no amor é admissivel, é logico, é justo e perdoavel. No dia em que a razão começa a agir e a medir, pesar e contar o amor, — como se diz na Biblia — é que êle já não existe.

Por que se ama? O proprio coração, fonte e séde do amor — não o saberá dizer. E por que se deixou de amar? O coração tambem não o saberá explicar.

Não ha calculos para o amor. Não ha psicologia não ha nada que o defina, nem que o modéle e prepare.

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephones: 2-4136 e 2-9706
FON-FON — 12-8-933

Data da consulta..............
Nome do consulente..............
....

Ele nasce como as fontes puras; — naturalmente; e séca com a mesma naturalidade com que elas nascem...

Desculpe si nada sei a respeito. E' que tenho amado muito — mas em vão. E do amor só conheço as decepções e o arrependimento.

VARO DA GAMA (Minas) — Bom dia, caro confrade. O sr. é homem de bom figado. Vê-se que é alegre e sabe causar alegria aos que não gostam de rir.

Esta secção, de ha muito anda em crise... de riso. (E de dinheiro, entre parentesis.) O sr. vem trazer-lhe um pouco de humorismo. Seja bemvindo, pois, caro Gama.

E agora tenha a palavra com a sua anedóta:

"Yves, bôa tarde. Quem se permitte a tanta intimidade inicial é, naturalmente, um teu conhecido. Eu o sou de verdade, mas, para poupar-te trabalho de memoria, reapresento-me: sou um (entre quantos!...) que veio outróra peregrinar á mecca do "Saibam todos"... dissimulado entre as phrases de uma missiva timida (e platonica...) e caracterisado nas rimas tôlas de um poema audacioso (e execravel...)...

Sou, portanto, um "encestado", admittamos: "o encestado desconhecido"... Sou o poetoide (symbolo de uma legião odiosa) que não teve estatuas artisticas para os poeticos do "Fon-Fon", e que palmilha agora a retirada do desencanto. Um retirante, por isso mesmo um desilludido, com a vaidade trocada de gilvazes...

Mas, acima disso tudo, o teu mesmo amigo e admirador, de sempre (nesse pormenor deixo de ser o representante dos fallidos...) e sempre.

*

Explico-te o porque da minha volta. Eil-o: na "Rendas de Espuma" da ultima edição do "Fon-Fon" affirmavas o teu absoluto desinteresse pelo amor, tal estado de espirito, aventuro-me dizel-o, reflectiu-se lá no "Saibam todos", onde fustigaste alguns "parentes" meus, e lembro-te entre box, Carnéra, Queiróz (e outras ameaças...) que os litteratoides continúam banalizando (cortezia tua...) a tua secção. E' uma verdade lastimavel.

(Continúa na pag. seguinte)

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

mas aquelle "continuque" attingiu-me por repercussão e remotissimo. Lembro-me que eu pertenci á "troupe", e isto fez-me pensar em voltar ahi á ribalta do "S. T.", e tentar apagar a impressão desairosa que deixei, que outros deixaram, e que muitos, ingenuamente, ainda deixam... Mas, de inicio assalta-me a duvida que baila nessa pergunta: e si o meu intento em alegrar o "Saibam todos"..., se transformar pelo máu exemplo, na mais chineza de todas as torturas para o illustrado redactor? Mas, uma duvida não deve excluir uma bôa intenção, e eu me resolvo, para exercel-o, não mandar-te uma poesia, mas contar-te uma anecdota. Qual dellas? — a de um papagaio.

Um prenthesis: essa ave é considerada impropria para menores e senhoritas, pois na actualidade é sucessora dos grandes pornographicos. Porém, como aos seus antecessores é injusta a reputação que se lhe ajustam... (que horror! Estina á beira de um trocadilho...) Fiar do parenthesis...

*

"O corsario "Mirabile" não fizéra pilhagem aquella semana, e a monotonia da abstinencia do morticinio grassava entre a tripulação. Na tarde daquella calmaria o capitão reuniu seus homens no camaróte promettendo diverti-los com seus conhecimentos de magia. Pelo espectaculo interessou-se, tambem, o papagaio de bordo, louco por magicas... Arrastou-se para o camaróte, ascendeu o seu poleiro, e ficou formado, attentamente, no meio da assistencia curiosa. O capitão arrepanhando as mangas (oh! não fataram áquelles braços as tatuagens de mulheres corpolentas, terrivelmente providas de seios...) arremedou os primeiros passes de um numero formidavel. Mas, justamente nesse momento ouviu-se uma estrondosa explosão, e tudo foi o panico de um salve-se quem puder descommandado e tragico...

Só o papagaio permaneceu onde estava, notando calmamente a ameaça da agua que invadia a peça. Sentindo agua pelos pés, resolveu sahir. Galgou uma venxarcia e esperou attento. Novamente a agua veio incommodal-o. Foi alem transpoz a gança e poz-se já bem no pontaço do mastro, attento ainda o que se passava no ambiente onde só a agua agia. O navio sossobrou, e delle só se via, ainda que com os pés immersos, a ave que denotava uma attenção especial. Sentiu afinal a friagem pela carena, e pervagando o olhar pela immensidade deserta julgou previdente não esperar mais. Fez uma tentativa de vôo, mas, antes de partir para a aventura de uma salvação, commentou irado: *ora sim senhor! mas que magica idiota!*...

*

Contei-te a anecdota e agora fica-me o receio de ter repetido velharia, e ter sido um máu phonographo. Preciso de uma desculpa e não sei como forjal-a. Bem (oh! santa "trouvaille") encontrei uma. Ha pouco tempo pediste a um "parente" meu um papagaio real. Elle faltou com o pedido e eu comparei com um plebeo, mas mesmo assim papagaio e... "pirata"...

Tú vaes perdoar o ter eu roubado as velas do corsario, e dando-lhe um motor fazel-o explodir em plena calmaria. Os pobres de espirito (os bem aventurados...) são psittacideos sem iniciativa. Repetem só, mas não c r e a m nunca...

"Et pour cause" crê-se perdoado o teu amigo e admirador — *Vasco da Gama*."

Yves

Notas de ARTE

GRANDE COMPANHIA LYRICA DO THEATRO MUNICIPAL — Madame Butterfly — Em 2.ª recita de assignatura, ouviu-se, na noite de 5 do agosto, «**Madame Butterfly**» opera em 2, sempre desdobrada em 3 actos nas representações. Como se sabe, é uma tragedia japoneza extrahida pelos librettistas Illica & Giacosa de uma obra de John Long e correspondente versão dramatica de David Belasco, e musicada por Giacomo Puccini. Foi cantada pela primeira vez em 1904 no Scala de Milão e, salvo o fracasso, que se diz inexplicavel, na primeira, todas as representações ulteriores, nesse e em outros grandes theatros da Europa e da America, têm tido continuos successos.

Acima das criticas pejorativas que se possam fazer á composição e ao componista relativamente ao valor artistico da opera de Puccini, comparando-a com as da escola wagneriana e mesmo com as produzidas pelo genio numeroso de **Verdi** — a verdade é que a sua musicalidade profundamente italiana, as suas bellas melodias agradam immenso o ouvido e sensibilizam fortemente o coração. Não faz pensar, mas faz sentir. Não é preciso ouvil-a muitas vezes para comprehendel-a e gozal-a. Por isso mesmo, apesar dos juizos apaixonados dos admiradores exclusivos da opera symphonica, **Mme. Butterfly** é sempre ouvida com espiritual delicia por leigos e profissionaes, pelo publico sensato e pela critica judiciosa.

Foi uma das mais bellas dessas audições, aquella a que assistimos através dos interpretes da Grande Companhia lyrica que trabalha no Theatro Municipal.

Gilda Dalla Rizza encarnou com muito primor a figura lyrico-tragica de Cio-Cio-San. Si não triumphasse como cantora, teria triumphado como actriz. Mas a sua voz de bella extensão, de sonoridades quentes e insinuantes, deu-nos bellos momentos de arte superior. Encantaram-nos mais especialmente a canção do 1.º acto — **Spira sul mare** e a bellissima romança do 2.º — **Un bel di vedremo**. Muito applaudida no fim de cada acto, foi mesmo algumas vezes interrompida por applausos de admiradores que não puderam conter o enthusiasmo.

O tenor Alexandre Ziliani, voz moça, extensa e volumosa, foi digno parceiro de Gilda Dalla Rizza. A não ser involuntario lapso, nada se lhe notou que destoasse da harmonia do conjuncto. Provocou justos applausos cantando o formoso duo **Amor o Grillo** e o final do 1.º acto — **Vieni, vieni**. Pareceu-nos que o joven cantor tem deante de si brilhante futuro.

O barytono Victor Damiani interpretou com bôa voz e bôa arte a figura de Sharpless. Com Gilda Dalla Rizza deu grande realce ao celebre **Duo da carta — Ora a noi.**

Mercedes Trilla, bello meio-soprano, encarnou com relevo o papel de Suzuki. Notamol-o particularmente na formosa romança **Tutti i fiori.**

E Carlo Nardini (Goro), Gilda Colombo (Kate), Attilio Muzio (Yamadori), Vittorio Bacciato (Comissario), Duilio Baronte (Bonzo), concorreram todos para a belleza integral da representação.

Mas, certa ou errada, a nossa grande, a nossa maior impressão, foi a que nos deu a orchestra de Gino Marinuzzi. Ouvindo-a evocamos o Quartteto de Londres pela phenomenal unidade, pelo maravilhoso equilibrio do conjuncto. Não eram muitos, era um só instrumento que tocava. E o unico instrumentista era, ou, melhor, tinha sido o regente. Pois o que se via era o resultado de multiplos e magistraes ensaios. Só faltou, para termos a impressão maravilhosa de outros tempos, a regencia de côr. Costumado a esse sensacional espectaculo, não nos agradou a surpreza de Marinuzzi reger com a partitura em frente, muito embora em nada concorresse essa circumstancia para diminuir o nosso enthusiasmo pelo excepcional regente.

Si bem que tudo fosse obra-prima na execução orchestral, assignalemos, primor entre primores, o preludio do 3.º acto e o côro a bocca fechada no

2.ª. A audição deste ultimo produziu sensação de verdadeiro extase.

Registremos que os scenarios e a indumentaria corresponderam ao esplendor das vozes e á magistralidade da regencia. E ainda que todas as bellezas do espectaculo tiveram por assistente uma sala cheia, das poltronas ás galerias. — «Andréa Chénier» — Por involuntario motivo só assistimos á opera de estréa, Andréa Chénier, cantada em 3 de agosto, em 2.ª representação, no vesperal de domingo, 6 desse mez. Foi como era de esperar um grande e raro espectaculo. Quaesquer que sejam as differenças para menos que se possam notar, sob alguns aspectos, comparando o valor de hontem e de hoje das tres celebridades que brilharam no palco do Municipal através das encarnações de Chénier, Magdalena e Gérard, a verdade é que, si realmente existem essas differenças, não passam de sombras tenuissimas, que mal se percebem no esplendor dos quadros.

Benjamin Gigli encarnou Chénier com extraordinaria belleza canora. A sua privilegiada voz de perenne musicalidade percorreu sem defeito todos os registros, emocionando, empolgando o auditorio, que o applaudiu sem cessar no fim dos actos e algumas vezes durante elles, quando o enthusiasmo não podia ser contido. O «improviso» — Un di all'azzurro spazio e o «credo» — Credo a una possanza arcana, o canto final. — Come un bel di di maggio, e o da scena do tribunal Si fu soldato — tudo foram bellezas. No «improviso», sobretudo, a extensão, o volume, o timbre da voz excepcional se reuniram num formoso conjuncto para nos dar as mais deliciosas sensações de arte.

Claudia Muzio, estrella das estrellas, viveu todas as scenas com a belleza excepcional da sua voz e da sua arte. A do 2.º acto, a do duetto de Magdalena com Gérard deu-nos a impressão de uma grande tragica. Pareceu-nos a Duse rediviva, que, em vez de declamar, cantasse. As inflexões, os gestos, a physionomia viveram dramaticos instantes, tornaram o canto mais canoro ainda. Através de toda a opera, á voz da artista, sobretudo a meia-voz, patenteou-se de incomparavel esplendor. Cremos nenhuma artista possúe, como Claudia Muzio, o poder de fascinar, de extasiar pela magia dos pianissimos, pela poesia de sons finissimos, que parecem inebriantes perfumes de que apenas gottas bastam para embriagar quem os aspira e sonha, sonhos de ineffavel belleza. No racconto de amôr Eravate possente, no racconto de dôr — La mamma morta e no duetto final — Viva la morte, viveu a gloriosa artista inesqueciveis momentos de arte.

A esposa. — Viste o chapéo com que a senhora do Silveira foi á igreja?

O marido. — Não; não prestei attenção.

A esposa. — Então, não sei o que vaes fazer á igreja!

Carlos Galeffi foi irreprehensivel e communicativo Gérard. A sua voz quente e educada, extensa e volumosa, de bello timbre — o que tudo lhe deu a celebridade — commoveu e arrebatou. Achamol-o igual e completo em todas as scenas. Mas é de destacar-se o famoso monologo — Nemico della patria; cantado e representado com belleza e com verdade.

Para o bello exito do conjuncto vocal concorreram: Mercedes Trilla (Condessa de Coigny e Madalena), Gilda Colombo (A mulata Bersi), Diulio Baronti (Roucher), Salvatore Baccaloni (Mathieu), Carlo Nardini (L'Incroyable) e o corpo de baile do Municipal.

São de destacar-se ainda a belleza e a verdade dos scenarios e da indumentaria.

Finalmente, o que devia ter sido em primeiro logar, a orchestra de Gino Marinuzzi.

Applaudida toda a Companhia, o publico saudou especialmente e com toda a justiça e enthusiasmo as grandes figuras de Claudia Muzio, Gigli, Galeffi e Marinuzzi.

OSCAR D'ALVA

CABROCHA DO CEARÁ

De FRAN MARTINS

A cabrocha do Ceará não sabe onde é a Favela. Mas canta sambas carnavalescos, rebolando os quadris, e sapateia, nos terreiros, ao som da sanfona e do réco-réco.

* * *

Anda de chapéo de palha em pleno sol de verão. Limpa o suor do rosto na barra da saia branca. Mas tem a pelle rosada, e lisa que nem a de gente fina.

* * *

Chama-se Anna Maria da Conceição, ou Francisca Pedro da Santissima Trindade. Passa pela igreja e faz o signal da cruz, interrompendo a conversa com o namorado, sobre a pagodeira da noite, na casa da Siá Zefinha.

* * *

Só usa pó de arroz quando vae pra festa. Borra os labios com papel encarnado. Mas os caboclos viram tudo a frege, si um forasteiro tem a ousadia de furtar-lhe um beijo.

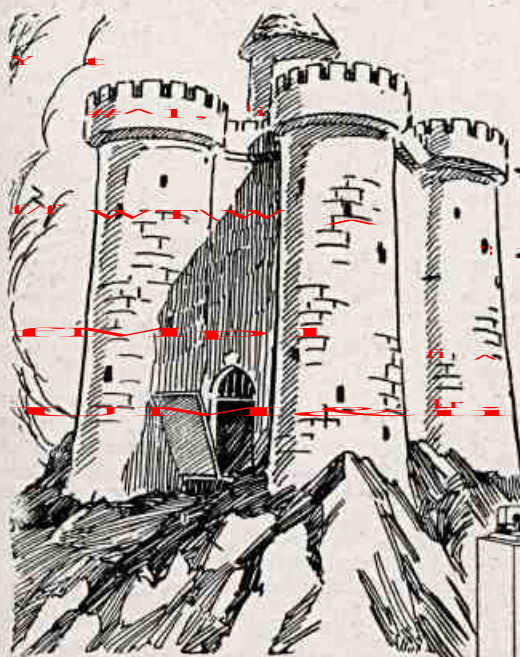
* * *

Os olhos são bem castanhos, ou negros, côr de carvão. No emtanto, as damas de olhos verdes suspiram por elles, numa roedeira louca.

* * *

E' Luiza Homem, de Domingos Olimpio, ou Filó, de Raquel de Queiroz. Enfrenta um touro furioso, ou incentiva a cólera de um preso. Mas tem sempre na vida uma pagina de amor.

* * *

Não lê romances, nem vae a cinemas. Conversa, á noite, com o apaixonado, junto á casa do patrão, ou nos "serenos" dos bailes dos clubs. Inspira violeiros e provoca serenatas, em brancas noites de agosto, sob a renda do luar. Toma um trago da *pinga* antes do banho, muito escondida, para ninguem saber. E percorre as ruas dizendo pilherias com os soldados de policia, ou os guardas civicos, ou os "chauffeurs" de bonet dos carros de praça. Mas, que pena!, baixa o rosto e fecha os olhos a um simples e casual encontro com um moço branco, que mora em casa ajardinada, e tem victrola ortophonica, e guia automovel seu, e leva ao cinema as moças que usam luvas, e dança em todas as festas dos melhores clubs da cidade...

Resistente
como os castellos antigos.
REFRIGERAÇÃO ELECTRICA E' COMO A SAUDE: INDISPENSAVEL O ANNO INTEIRO...
EXAMINE o mecanismo do Refrigerador G. E. E' elegante, forte e resistente. Todo de aço, com peças feitas para duração illimitada, o mecanismo dos Refrigeradores G. E. é, como os seus demais dispositivos, construido de maneira a justificar a preferencia do publico — para cada tres refrigeradores em uso um é G. E. — e a explicar a confiança dos seus productores, que o garantem por 4 annos, contra qualquer falha mechanica.
O Refrigerador G. E., silencioso, automatico, regulavel, é o grande protector dos alimentos.
Protoja os seus alimentos, proteja a saúde dos seus com o Refrigerador G. E.
MODELO S-67
MODELO S-44
MODELO K-60
Este elegante apparelho de radio é de grande alcance e rigorosa selectividade.
72

"Une modiste a tué de 5 coups de revolver son amant, ouvrier ferronnier"

CRIME DE BONECA

DELGADA e fina, parece feita com a impalpavel materia do pó de arroz. Inconscientemente elegante e loura, como o são as *midinettes* de Paris quando sabem ser fieis á tradição que lhes ensina desde a infancia a terem *chic* com um vestidinho de quatro vintens e um chapéo confeccionado com um retalho da colcha da vóvó. Assim ia ella, saltitante, pelas arterias da immensa metropole, sempre contente e alegre como um pardal sob a neve, a chuva ou o sol ardente, entregando aqui e alem as obras primas de suas mãos de fada. *Copista* de modelos de chapéos das grandes casas, sabia fazer copias mais perfeitas e graciosas do que os originaes. Tinha sua vida ganha. A mãe e a avó viviam do seu trabalho. A existencia corria-lhes sem sustos nem preoccupações.

A fatalidade, porém, quiz, mais uma vez, derribar um edificio de bemaventurança com as proprias mãos delgadas que dia a dia o construiam pacientemente. Poz o amor no caminho da joven modista e o amor era bello, era forte, e a seduziu embora sahisse de um meio differente, de uma classe apparentemente inferior.

Apesar disso, Antonieta entregou-se a Rogerio, o guapo rapaz que, á semelhança de um semi-deus, desempenhava entre os mortaes, o officio de ferreiro.

Amaram-se. Foram felizes. O futuro, porém, não reservava compensações ao sincero enlevo que Antonieta dispensava ao amante. Este era voluvel, irremediavelmente leviano, como o são os habitantes do Olympo quando se dignam distinguir uma mulher mortal. Dia a dia, crescia o numero das decepções para a infeliz Antonieta, que vivia na perenne angustia de ser abandonada. E as suas suspeitas eram justificadas. O bello semideus já não vinha aos encontros fixados; esquecia-os, porque alimentava outros amores e outros projectos de casamento.

Antonieta comprou um revolver. Sua colera já não tinha freio e não mais poderia supportar as affrontas, as feridas de amor proprio que se multiplicavam sem piedade, estraçalhando o seu pobre coração ferido.

Naquella manhã, ás onze horas, entrou como um vendaval na loja do ferreiro e, sem uma palavra, sem uma explicação, atirou cinco balas contra o peito largo, generoso, do semideus feito homem, que a seduzira.

Totalmente embrutecida, depois pelo que acabava de fazer, deixou-se prender pelos agentes de policia, emquanto carregavam o corpo já frio do amante adorado.

* * *

Foi assim que uma leve e graciosa midinette

De Itala Gomes Vaz de Carvalho

de Paris matou um possante ferreiro que lhe fizéra tão falsas juras de amor.

Ella o *abateu*, como se costuma dizer agora, com todas as regras do drama passional. A minuscula *midinette* conhecia a fundo o papel que devia desempenhar — o tragico papel da amante abandonada e louca que já não mede os seus actos. Ella havia lido as bôas obras literarias, tinha ido ao cinema e conhecia as chronicas judiciarias. Estava, por isso, perfeitamente documentada e não errou o alvo que lhe offerecia o coração leviano do ferreiro.

Estranho phenomeno dos tempos em que vivemos!

O drama passional parecia estar reservado, antigamente, ás personagens mundanas das rodas seleccionadas. O mesmo acontecia em relação aos duellos. Só se batiam em duello os homens das classes superiores e era somente nos bairros de luxo de Paris que se repercutiam os écos dos tiroteios das paixões amorosas. Os heróes das tragedias de amor deviam ser ricos, elegantes, conhecidos nas altas rodas do *snobismo*; emfim, precisavam ser intensamente parisienses.

O drama era contado e commentado na mais apurada linguagem academica e alimentava as conversas dos salões, dos clubs, dos *bars* e dos hippodromos pelo menos durante uma estação inteira. No correr do processo a assistencia *ultra-selecta* seguia com grande interesse os debates, que sempre eram bastante apimentados. E os costureiros em voga aproveitavam-se dessas solennidades judiciarias para lançar as ultimas creações da moda!

Como os tempos mudaram! Agora, os dramas de amor não são mais o apanagio de uma classe privilegiada. Estão ao alcance de todo o mundo. Tornaram-se réles e democraticos e quasi tão popular como o aperitivo, as corridas de bycicletta ou as meias de sêda vegetal...

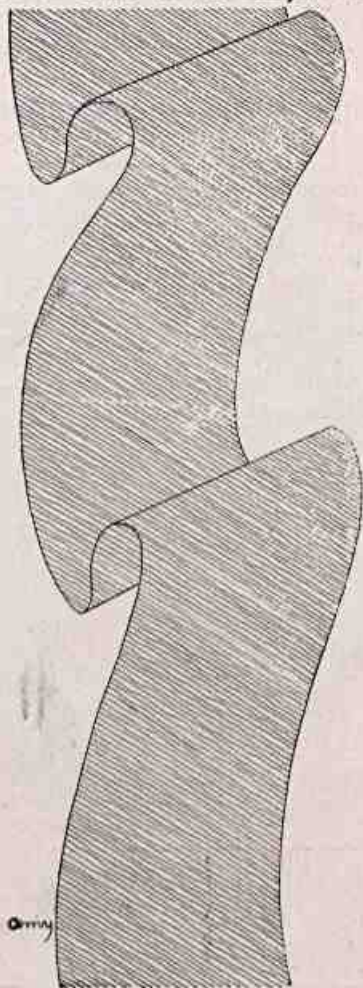
O drama de amor conquistou os arrabaldes e as favellas, as provincias e as villas. Agora não ha discussões entre os amantes. Para que? E' immediatamente o revolver, a morte, o necroterio. A *midinette* mimosa, assim como a empregada do padeiro e da quitanda, têm um *browning* e sabe manejál-o com maestria. O revolver é, hoje, um

accessorio da vida sentimental e os namorados, quando se abraçam na melhor hrmonia, perguntam, com ternura, um ao outro:

— Que farias si eu te deixasse? Que farias se eu já não te amasse?...

A resposta é sempre a mesma... porque o revolver está sempre carregado...

Julho 1933.

NA CIDADE, NO CAMPO, COMO NA PRAIA

Em qualquer parte onde haja sol
Ou a chuva caia,
Seja num campo de futeból,
Seja na praia,

Seja nas ruas da cidade
Indo a passeio,
Mulher de bôa sociedade
Nunca faz feio...

Não se apresenta com um vestido
Já desbotado
(Parece até velho tecido
aproveitado)

Compra a fazenda que lhe agrade,
Porem quer ver
Se a côr é firme de verdade,
Firme a valer,

E olha a etiqueta que garante
E mostra bem
Que a côr é solida: é corante
Marca INDANTHREN!

Indanthren

Rio de Janeiro, 12 de Agosto de 1933

Director: SERGIO SILVA

O problema do livro brasileiro

Por Bastos Portela

NUMA de suas conferencias, Henri Robert, da Academia Franceza, cita uma observação de Sainte-Beuve, que nota: "Il y a, dans chaque époque, un type à la mode, un certain fantôme romanesque qui occupe les imaginations et qui court, en quelque sorte, les nuages".

E, depois de referir-se aos cavaleiros da Idade Média, aos cortezãos de Luis XIV e aos filósofos do século XVIII, conclúe que todos esses tipos e outros se refletem na literatura de seu tempo.

A observação é exacta.

Para não fugir ao dominio das letras, lembramos que, depois da Grande Guerra, houve um literato, por exemplo, que foi o maior tipo da moda: Marinetti. Depois, vieram outros de menos projeção. E isso em todos sectores da literatura e das artes.

Entre nós, ha, talvez, uns quatro ou cinco annos, os tipos do momento—tipos nacionais—eram Graça Aranha, Ronald de Carvalho e Agripino Grieco. Estrangeiros: Pitigrilli e Remarque. O primeiro, com uma série de livros irreverentes e chocantes; o ultimo, com o famoso romance "Nada de novo na frente ocidental." Houve em nossos meios intelectuais uma verdadeira epidemia de Pitigrilli e Remarque.

Quem é que não citava o italiano ilustre de *Cocaina*? E quem não conhecia o denodado pacifista que nos revelou, através de uma critica áspera, os tremendos horrores da guerra mundial?

Mas, si esses nomes ainda não estão esquecidos, pelo menos, sairam do cartaz. Já não aparecem com aquela insistencia, nos livros e nas colunas dos jornais.

Baixou, com relação a eles, a febre das citações: "Pitigrilli, o cinico escritor, disse que..." Ou então: "Remarque, com aquela sua coragem inimitavel, de criticar e dizer"... etc. etc.

Os nomes agora são outros: Humberto de Campos e Gustavo Barroso. Este é o presidente da Academia de Letras, o homem que dá um livro por mez. E Humberto de Campos é o nome do dia. Não porque só agora o cronista de tantos livros lidos e comentados tenha alcançado evidencia, no scenario das letras nacionaes.

Humberto de Campos foi sempre um dos nossos escritores de grande nomeada.

Assinalo o fato para demonstrar que o prosador da *Seara de Booz* atingiu o seu apogeu na literatura do país — depois que publicou as suas brilhantes "Memórias".

Ele é, portanto, o nome que está no cartaz. E' o nome do dia. E', como quer Sainte-Beuve, "un type à la mode".

A proposito, dizia-me, o outro dia, o editor M. Sobrinho, que tanto se vem batendo pela difusão do livro brasileiro: "Esse sucesso das "Memórias" de Humberto de Campos é um sintoma de que no Brasil já se lê." Ha nisso, de certo, um reparo que outros já fizeram. Reparo um tanto optimista, já se vê... Porque, si o nosso publico lê um ou dois livros nacionais, de autores consagrados, fica desconhecendo outros, dignos de consagração, e que, no fim de contas, não aparecem, porque os editores não aceitam as suas obras. E a desculpa que esses apresentam é que "o livro nacional não se vende tanto como os estrangeiros".

E cáe-se n'um circulo vicioso: o publico só lê traduções ignobeis e literatura francêsa, porque não ha livros bons de autores brasileiros, dizem os editores. Não ha livros bons de autores brasileiros porque os editores não os querem apresentar aos leitores.

A verdade, porém, é que não é preciso possuir a lampada de Diogenes para se encontrar, entre os moços da nova geração, escritores como Humberto de Campos.

"FON-FON" NA Polonia

Em toda a Polonia foi celebrada, a 29 de junho ultimo, a «Festa do Mar», tradicional naquelle paiz. Em Varsovia, teve especial realce essa commemoração, honrada com a presença do presidente da Republica, sr. Ignacy Moscicki, que pronunciou, pelo radio, notavel discurso salientando a importancia do mar para a nova Polonia. Representam as nossas photographias dois aspectos da expressiva festa, vendo-se, num delles, o presidente Ignacy Moscicki falando ao microphone e, no outro, o delegado da Associação dos Funccionarios das Ferrovias do Estado segurando uma rica amphora, contendo agua do mar, trazida de Gdynia para ser depositada no tumulo do Soldado Desconhecido, na capital poloneza.

(inedita e especial para FON-FON)

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorgeião,
Não gorgeião como lá.

Nosso céo tem mais estrellas,
Nossas varzeas teem mais flôres,
Nossos bosques teem mais vida,
Nossa vida mais amôres.

Em scismar, sózinho, á noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,
Que taes não encontro eu cá;
Em scismar — sózinho, á noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

GONÇALVES DIAS

Coimbra, Julho, 1843.

....

....

Minha terra tem tudo isso,
Tem isso tudo... Porém,
Ha uma coisa pequenina,
Existe um pequeno alguem
(Sou eu mesmo, é a minha sombra,
Nada mais e mais ninguem)
Que outras terras teem agora
E a minha terra não tem...

Guilherme de Almeida

Paris, Julho, 1933.

Caverna de Ali Babá

O verdadeiro emprestimo

Em 1929, o governo da Romenia solicitou o apoio moral da Liga das Nações para obter nas praças européas avultado emprestimo destinado a resolver o problema da instrucção publica, construindo predios escolares, abrindo novos estabelecimentos educativos, sobretudo premunitorios e technico-profisionaes, reformando completamente o material escolar, contractando especialistas, subvencionando collegios particulares e premiando esforços.

A Sociedade das Nações estudou o pedido e suas commissões technicas deram parecer contrario a elle, não podendo comprehender que uma nação, que sahia da guerra e precisava desenvolver recursos economicos, pretendesse tratar de questão adiavel e dispendiosa, sem lucro immediato. A Romenia replicou que pretendia com esse apparelhamento educacional desenvolver justamente sua economia, pois um povo com alphabetização e educação profissional é mais apto a produzir do que aquelle que os não possue. Os membros da Liga sorriram com incredulidade e persistiram na negativa.

Entretanto, o pedido feito pela Romenia era mais do que justo e a applicação que ella queria dar ao emprestimo seria muito mais proveitosa do que se abrisse novos poços de petroleo, ampliasse rêdes ferroviarias ou valorizasse o trigo.

Gastão Pereira da Silva é uma figura de relêvo e de prestigio nos circulos da actividade mental e cultural da actual geração brasileira. Espirito de idéas avançadas, sereno e firme na sua propaganda doutrinaria, como literato, como scientista, como sociologo, o illustre e joven escriptor já tem publicadas, e a recommendar-lhe a cultura e a intelligencia, varias obras de real valor. A terceira edição de «Para Comprehender Freud» acaba de ser lançada pela Atlantida Editora, continuando a marcar o successo das que a precederam. E, quasi simultaneamente, em collaboração com José Pereira da Silva, Gastão Pereira da Silva dava á publicidade um novo e interessantissimo trabalho: «Crime e psico-análise», em magnifica edição da Marisa, com suggestiva capa de Paulo Werneck.

Alumna da professora Nicia Silva, a senhorita Lucilla Frazão acaba de conquistar, por unanimidade de votos, o primeiro premio Medalha de Ouro do Instituto Nacional de Musica, onde fez brilhante curso, durante o qual revelou magnificamente os seus dotes de cantora.

O dr. Aderbal Paula Sales, que já é bastante conhecido dos nossos leitores, pelas collaborações estampadas em FON - FON, acaba de publicar um trabalho, que o recommenda, de modo brilhante, no seio da classe medica, a que pertence. Intitula-se «Tuberculose», molestia essa que é estudada pelo autor com indiscutivel proficiencia e á luz das modernas theorias existentes sobre o assumpto. A obra do joven medico cearense merece ser apreciada com vagar, mormente pelos que se interessam por um problema tão importante para a medicina.

Porque é da educação dum povo, de suas artes manuaes e mecanicas, que depende o aproveitamento dos recursos postos em suas mãos pela fatalidade geographica. Os factores espirituaes são os que exercem maior influencia no desenvolvimento de suas actividades, de sua vida. De que servem as riquezas vegetaes e mineraes, as cachoeiras portentosas, os rios magnificos, as serranias cheias de majestade, as pradarias desertas ou as umbrosas florestas, se a gente que nasce e se cria no meio de tudo isso, ignorante e ociosa, doente do espirito e do corpo, não tem capacidade para aproveitar o que Deus lhe deu?

Na actual situação em que se debate o mundo, um povo assim é um peso morto na economia da humanidade, é um povo condemnado a desapparecer ou a ser dirigido por outros povos mais capazes. Não poderá continuar a sonegar os meios de vida e conforto que lhe foram entregues. Ou educa-se, ou trabalha, ou morre!

Eis ahi o verdadeiro emprestimo a ser feito duma vez por todas pelo Brasil, antes de electrificar a Central e de embellezar cidades, o dar Educação.

Sésamo

O ministro das Relações Exteriores offereceu, no palacio Itamaraty, um almoço em honra do chanceller da Inglaterra, sir John Simon, e de lady Simon, tomando parte nesse ágape de alta e expressiva cordialidade figuras destacadas do governo e do nosso mundo diplomatico e social.

FILIGRANAS

A pre-historia americana, nos dois continentes, cada dia nos reserva uma nova surpresa. Numerosos thesouros jazem ainda inviolados aos olhos dos seus habitantes actuaes como jazeram aos dos conquistadores e colonizadores de antanho. Não ha muito tempo, o doutor Caso descobria em Monte Albán, na Venezuela, provas de influencias dos povos europeus ou mediterraneos na America pre-colombiana. Recentemente, a missão geographica dos srs. Robert Shipee e George R. Johnson, que durante dois annos percorreu em avião e a pé as zonas desconhecidas dos Andes peruanos até sua vertente brasileira, avistava uma muralha colossal como a famosa da China, correndo a uma altitude de dez mil pés e numa distancia de cem kilometros através da Cordilheira, vestigio dum systema de defesa antiquissimo e ignorado.

Inaugurou-se no Palace Hotel, sabbado ultimo, a exposição de trabalhos que todos os annos a Associação das Senhoras Brasileiras apresenta ao nosso mundo social, para recolher donativos destinados á sua manutenção. Foi uma nota mundana de grande repercussão a cerimonia de sabbado, que reuniu alguns dos elementos de maior destaque na «élite» carioca, sempre solicitamente voltada para as obras altruisticas.

«WINTER-GARDEN PARTY»

Grupo das senhoras do nosso «grand-monde» que se reuniram no Ambulatorio S. Vicente de Paulo, sob a orientação da exma. sra. Margarida Anysio de Sá, para ultimar os preparativos da grande festa que a Associação dos Anjos da Caridade promove amanhã, em beneficio dessa benemérita instituição de assistencia médica á pobreza. Os salões do Automovel Club do Brasil, onde se realizará essa parada de elegancia, apresentar-se-ão garridamente transformados em sumptuoso jardim de inverno. A «Winter-Garden Party» de amanhã promette inscrever-se entre os acontecimentos sociaes da estação.

Joubert de Carvalho, o autor victorioso da musica de «Mariuza», foi homenageado, com um banquete, pelos seus amigos e admiradores, que se reuniram quarta-feira penultima, no Lido, para festejar o exito da peça tantas vezes applaudida no theatro João Caetano, durante a ultima temporada official alli realizada. Presidiu á linda reunião o ministro José Americo, que estava ladeado, á mesa, pelo homenageado e pela senhora Joubert de Carvalho. Apresenta o nosso «cliché» dois aspectos do banquete a Joubert de Carvalho.

Offereceu a homenagem, em nome de todos, o escriptor Chermont de Britto, tendo o nosso illustre collaborador Benilo Neves saudado o ministro José Americo. O homenageado agradeceu em bello discurso.

FILIGRANAS

A cidade que conta mais igrejas ou templos no mundo, em proporção ao seu numero de habitantes, não é nenhuma das metropoles religiosas do Thibet, da India, da Asia Menor, nem Roma, capital do christianismo, nem a Bahia, onde se diz haver uma para cada dia do anno; mas Londres.

Alli os differentes credos e as numerosas seitas religiosas da Inglaterra e do mundo inteiro dispõem sómente de quarenta e sete igrejas ou templos para cada dez mil habitantes. Tendo em consideração os sete milhões de habitantes da immensa urbs, vê-se que ella possue nada mais nada menos de trinta e duas mil e novecentas casas de oração!

Feira de Vaidades

ERA UMA VEZ...

"...e quebrado o encanto do principe, elle esposou a pobrezinha e deu-lhe um reino muito rico, onde foram muito felizes."

— Que linda historia! Onde se passou?

— Numa terra longinqua, coroada de rosas...

— Foi algum poeta, que a imaginou?

— Não. Ha historias assim maravilhosas.

— Conte-me, então, outra.

— Era uma vez...

— Não, não quero contos passados.

— Tambem sei um presente.

— Conte-o, pois, para mim.

— "Alguem, que amou outro em silencio, viveu nelle a pensar... Mas, não soube ler nos seus olhos. E' o encanto persistiu até que, um dia, as estrellas no céo e as rosas no canteiro revelaram tudo..."

— Mas, os seus lindos olhos... que têm elles?

— Nada.

— Quer V. que lhe conte outra historia?

— Não. Repita a mesma para que a guarde de memoria. Começo a comprehender. Ha historias assim, maravilhosas. E você é o meu principe encantado. Pois não vê? São as rosas que nascem para o nosso noivado...

— E para vêl-as...

— Parece até que baixou do céo um cortejo luminoso de estrellas!

LUCIANO

O JOCKEY CLUB, NO DOMINGO

A grande corrida de domingo marcou um dos maiores acontecimentos sociaes do Rio. O Jockey Club realizou uma dessas *performances* raras na vida das sociedades congeneres. Sob o ponto de vista do *turf*, o espectaculo do dia 6, de interesse continental, foi simplesmente deslumbrante. A immensa multidão, que compareceu ao Jockey Club, revestiu a imponencia sceneographica de um "jornal" londrino. No conjuncto maravilhoso, tudo apresentava o seu realce particular. A victoria do *Sweepstake* assegurou ao *turf* nacional a sua hegemonia no continente...

* * *

No atropelo natural de um dia assim, as elegancias soffrem contrastes violentos. Comtudo, o Jockey não prejudicou o serenissimo e impressionante *chic* das mais altas damas e dos mais encantadores sorrisos do grande mundo carioca. Entre algumas centenas de distinctos florões da gentileza e da fidalguia da sociedade metropolitana, vi: senhoras Salgado Filho, embaixatriz Raul Fernandes, sra. Linneu de Paula Machado, sra. Rubens de Mello, sra. Bueno do Prado, sra. Adhemar de Faria, sra. Octavio Reis, sra. Nelson Pinto, sra. Claudio de Souza, sra. e sta. Thompson Flóres, sra. Santos Lobo, sra. Franklin Sampaio, sra. Oswaldo Aranha, sra. Carlos Sylla, sra. Herbert Moses, sra. Carlos Guinle, sra. Marcos Carneiro de Mendonça, sra. Pedro Ernesto, sra. Ranulpho Bocayuva Cunha, sra. Bertha Pinto de Moraes, sra. Leonel Gonzaga, sra. Flavio da Silveira, embaixador do Uruguay e sra. Carlos Blanco; o ministro da Hungria e senhora Haydin; sra. Muniz de Aragão, sra. Rosa e Silva, sra. Leão Velloso; o embaixador do Mexico e senhora Alfonso Reyes; o embaixador da Italia e senhora Roberto Cantalupo; sra. Adelia Mattos Martins, senhorita Lourdes Nelson Machado, senhora Pedro Cuervo, sra. Oscar Costa, sra. Ipanema Moreira, sra. Didi Caillet, viuva Fridolino Cardoso, senhora Humberto Cardoso, sra. Christovam de Camargo, sra. Rodrigo Octavio Filho, sra. Gastão Vidella, etc etc.

NOITE DE GALA, NO MUNICIPAL

A estréa da Lyrica foi, simplesmente, sensacional. Nenhum logar vazio. E o que a cidade tem de mais fino, pelo espirito e pela educação social, compareceu ao Municipal para applaudir Gigli, Claudia Muzio e Galleffi na apresentação de "Andréa Chenier" sob a regencia magica de Gino Marinuzzi.

* * *

Uma noite de gala. Noite das mais gloriosas, que marcou em difinitivo o triumpho da temporada lyrica. Empolgante. No meu registro de presença, assignalei, de passagem: senhoritas Marcial Martinez, filhas do embaixador do Chile; senhoritas Maria Luiza dos Santos, Zila Caracas, Barbosa Rezende, Almeida Rabello, senhorita Telles de Menezes (*miss* Brasil), sras. Frank Hime, F. P. Carneiro da Cunha, Luis Pereira, Foglianl, Arthur Costa, Carlos Maximiliano, Moraes Sarmento, Duque Estrada, Gastão Neves, etc.

"BOA NOITE!"

ACCENDEU-SE a cidade. Tão cêdo ainda... Noite prematura. As lumi-narias a gaz neon fazem a festa veneziana da rua do Ouvidor. E' a hora da ultima passagem das elegantes pela arteria tradicional. Querem ver que

:ssa quinta feira teve a tarde mais curta deste inverno?

— Bôa noite!

— Já bôa noite?

São duas poetisas, que levam para casa a inspiração dos *flirts* da Lallet.

— Um poema sentimental?

— Qual nada. Sentimento é passadismo. São assim quasi todas as mulheres de hoje...

* * *

Risadas crystallinas. São aquellas garotas de Botafogo, que vêm todas as tardes á Avenida. Como se chamam? Não sei.

— Bôa noite!

— Quantas vezes já ouviste hoje a "Comparsita"?

O fiapo da conversa não me deixou ouvir o nome do poeta, que fazia a pequena mandar pedir á orchestra da Colombo a repetição daquelle tango malicioso...

* * *

Em procissão, lá vêm, uma após outras, as raparigas elegantes, rumo da casa, nessa hora ainda crepusculo e já noite, em que regressam aos bairros residenciaes com um sorriso permanente de quem tem alma de passarinho. De quem não tem cuidados serios. De quem vive *sur la branche*, ao embalo do galho verde da esperança...

Passaram por mim e não me viram: senhoritas Léa Baroukel, Judith Rocha, Marinette Bouças, Dilza e Elza Primo Motta, Conceição Lassance Cunha, Arlindo Leoni, Ilka e Zuleika Lintz, Ernestina e Lucia Lobo, Góes Monteiro, Lucilla Bertulli, Maria Helena Nelson Pinto, Carlotinha Osorio de Almeida, Celina Liberal, Raulita Coelho Lisbôa, Helena Brandão, Mary Chagas Doria, Ignez Pacheco, Quininha Martins, Malvina Dolabella Portella, Olga Bergamini de Sá, Marina Côrte Real, Yvonne Strada, Elsa Kastrup, Sylvia Penna, Ilza e Nair Caldas Barreto, Lou Moreira Santos etc.

FLAMENGO, AO LUAR

O Rio preparou para estas noites de inverno a sua *toilette* mais bonita. Vestiu-se de luar. De um luar como nunca se viu. Lyrico, doidamente lyrico. Luar de romantismos inconscientes, de irreprimiveis derrames sentimentaes. Luar de esperanças e de illusões, de magnetismo amoroso e de arrebatamentos emocionaes.

* * *

O Flamengo foi a vitrine escolhida para demonstração dos effeitos do luar sobre a alma da gente. Vitrine de physionomias humanas á luz opalescente da lua... Uma ciranda inconsciente ao luar mais bonito, que o Rio já teve... A ciranda dos eternos romanticos, retardatarios impenitentes, neste seculo de luas artificiaes...

* * *

— Quem não se preza de ser romantico, numa noite assim?

A pergunta cahiu, como um cumprimento, no circulo em que pontificava o mais enamorado poeta da lua. E a resposta não se fez esperar, sorrindo no assentimento collectivo das raparigas bonitas do Flamengo.

— Deus proteje os romanticos. E é para isso que manda a lua instillar-lhes nalma os seus philtros poderosos. A lua é a embaixatriz dissimulada do amor...

* * *

Em procissão elegante, iam e vinham, no passeio do Flamengo, as senhoritas Edila e Dila Costa Lima, Maria de Lourdes Aureliano Machado, Vera Regina Amaral, Zita Coelho Netto, Flora e Martha de Sá, Ernestina Lobo, Gilda Masset e as senhoras Arthemisia Bahia, Alayde Galvão, Dulce Wucherer, Adila Alves de Lima, Elza Machado Baptista, etc.

Em frente, o mar tinha scintillações de um conto de mil e um noites...

"O CARIOCA"

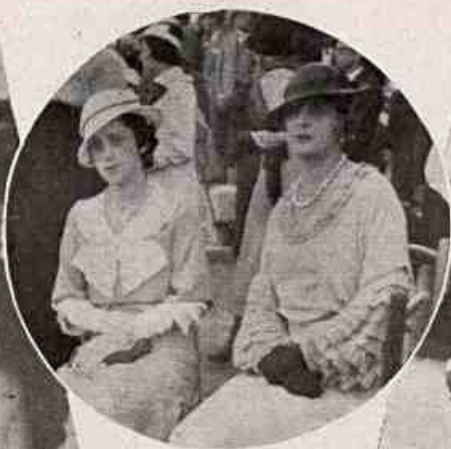
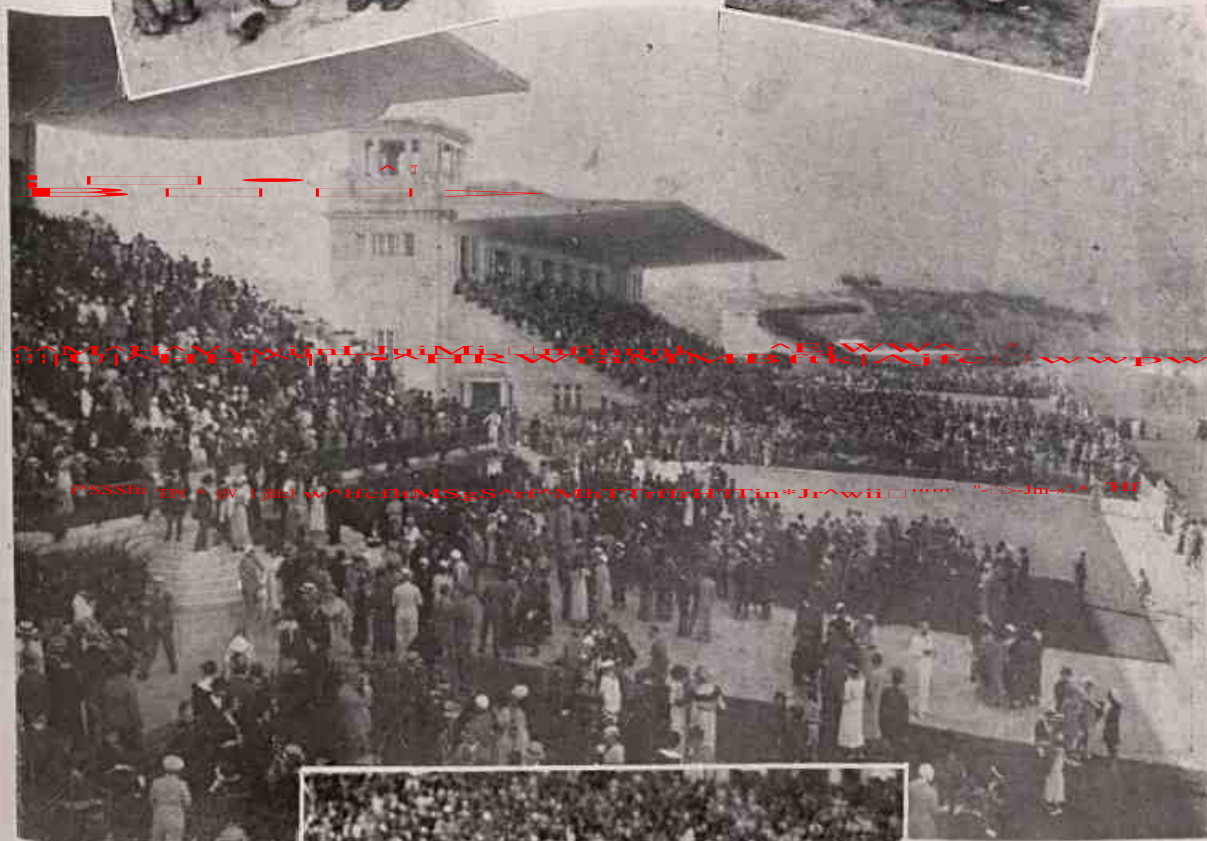
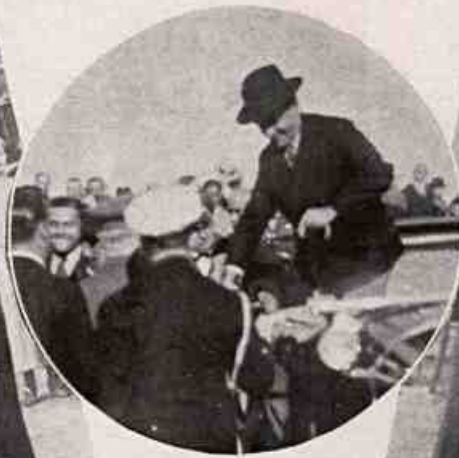
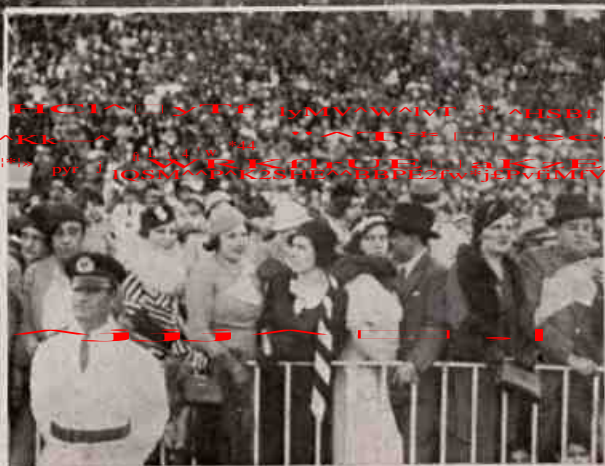
Um jornal novo na cidade. Jornal das 11 horas, com um feitio moderno, bem humorado. Pamphleto espirituoso e ironico, a folha de Paulo Silveira é uma abelha, que distilla mel com a graça de suas boutades e mette o ferrão com a irreverencia de suas criticas. Mas é, sobretudo, um philtro de favos deliciosos. "O Carioca" vae tomar conta do Rio. Nasceu com a marca registrada da cidade. O povo gosta de um jornal assim, que parece não levar a sério as afflicções da vida. "O Carioca" vae ser o Carlitos do cinema vivo da metropole. O Carlitos engraçado e doloroso, a um tempo.

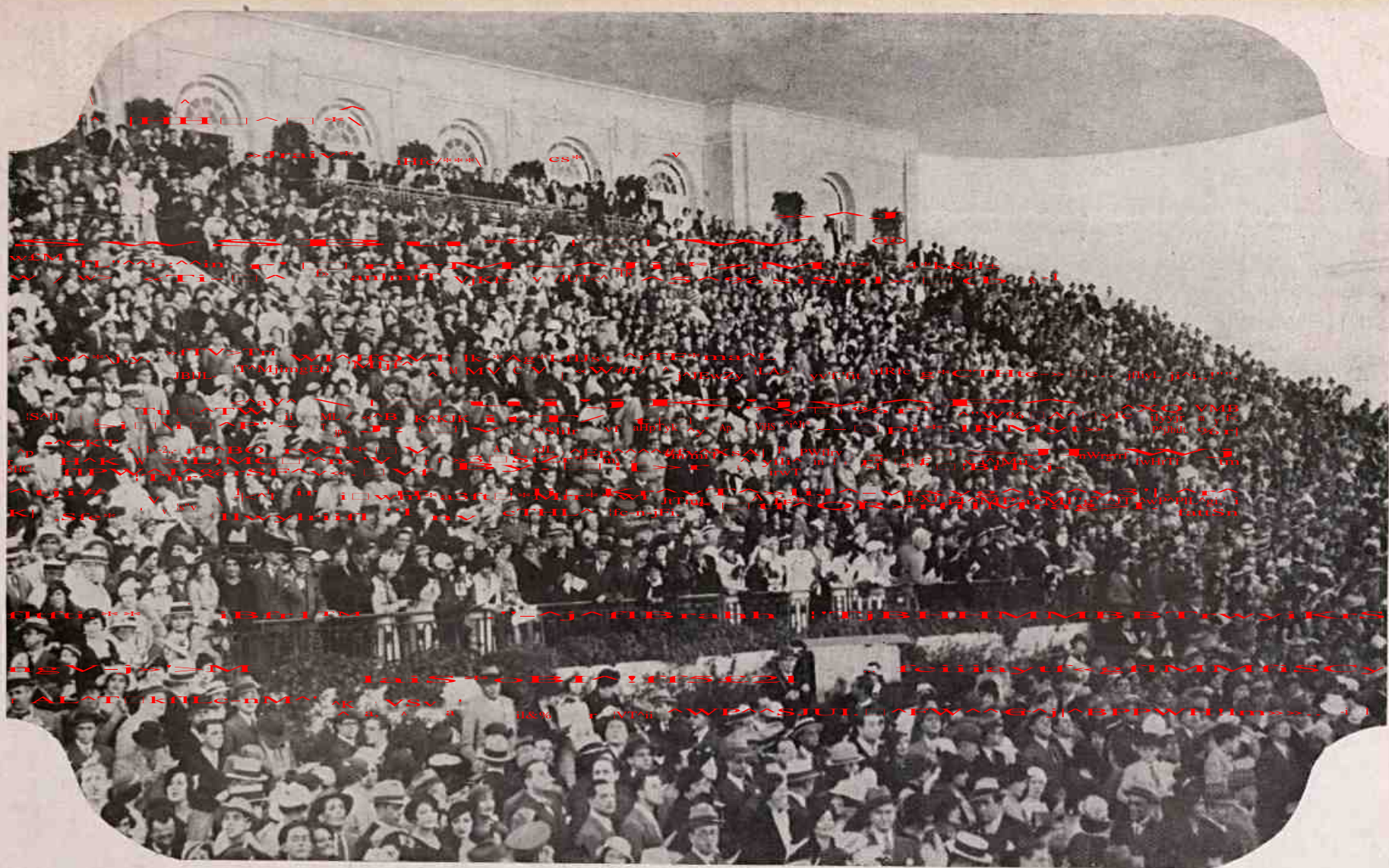
A hora presente não admitte criticas em vieux style. Cahiram de moda. Hoje em dia, as mais pungentes tragedias vão sublinhadas de um sorriso. De um sorriso amargo, que dóe como se fosse uma lagrima de sangue.

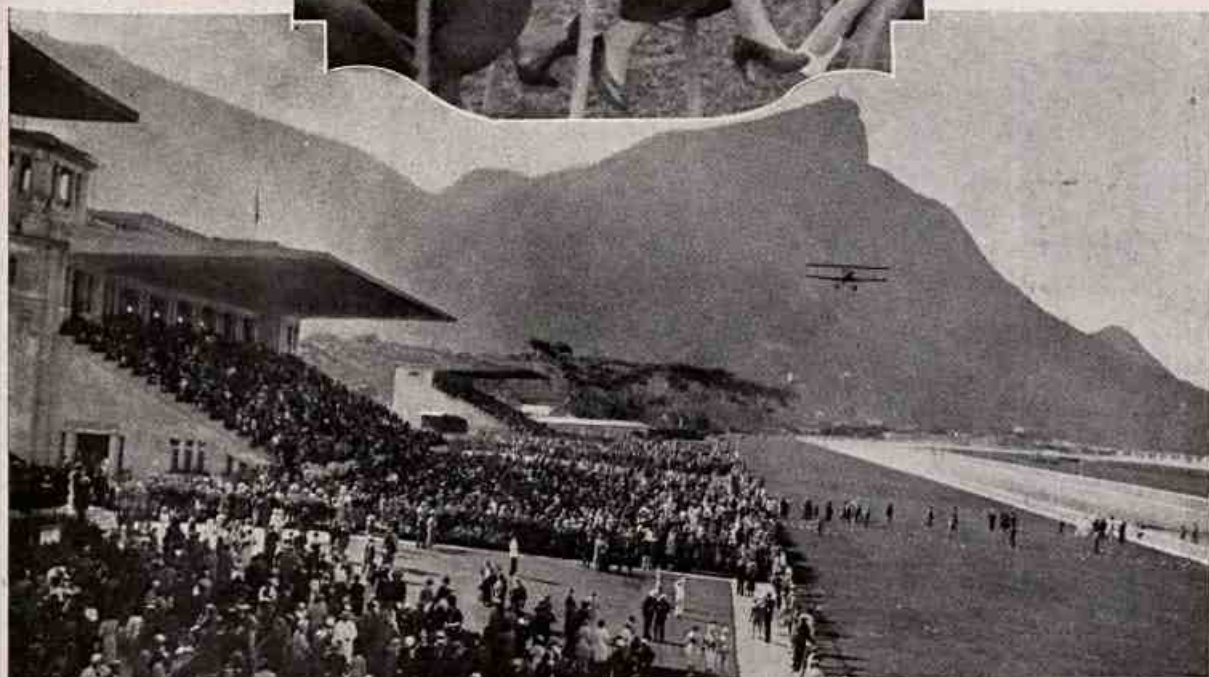
"O Carioca" está destinado a ser o orgão das falsas alegrias da cidade, do seu doloroso bom humor, das suas charges torturadas.

Entre as grandes transformações por que passou o mundo moderno, uma sobreleva a todas: a da nossa indifferença pela tragedia pura e simples. A vida impermeabilizou-nos á dôr, deu-nos insensibilidade perante o soffrimento ordinario. A hora é de sublimações. E de sublimação pelo sorriso, que tambem póde ser uma forma de pudor de quem soffre e tem vergonha de confessar que soffre...

LUCIANO

A data natalicia do marechal Deodoro da Fonseca foi colennemente commemorada, no dia 5 do corrente, realizando-se, na Escola Deodoro e no Centro Alagoano, va-ias homenagens á memória do grande cabo de guerra. Nas sessões civicas realizadas na Escola Deodoro e na séde do Centro Alagoano, vários oradores exaltaram a figura do marechal Deodoro da Fonseca, um dos maiores vultos da nossa historia militar.

O turf carioca inscreveu, na historia sportiva e mundana da cidade, no domingo ultimo, uma pagina de inexcedivel esplendor, com as corridas que se realizaram no Hippodromo Brasileiro. A par desse successo, teve a tarde hippica do Jockey Club uma outra significação: a disputa do Grande Premio Brasil, o que, de certo, muito concorreu para que se reunissem no sumptuoso prado da Gavea a «élite» da sociedade carioca e dos Estados e as figuras mais representativas do turf brasileiro. Além disso, a tarde turfista de domingo teve a registar, como um acontecimento pouco commum entre nós,

a assistencia de uma multidão de turistas, procedentes da Europa e das republicas sul-americanas. Tornou-se, desse modo, uma festa memoravel, para nós, a abertura da temporada internacional de turf brasileiro, em 1933. O Grande Premio Brasil foi conquistado pelo valente cavallo «Mossoró». A's corridas de domingo compareceu o chefe do governo provisorio, acompanhado das suas casas civil e militar e de altas autoridades do paiz, além de representantes do corpo diplomatico. As nossas gravuras focalizam os aspectos mais interessantes da bella tarde sportiva e mundana.

O GRANDE PREMIO BRASIL

O Hippodromo Brasileiro apresentava, na tarde de domingo passado, um aspecto excepcional, com todas as suas dependencias contagiadas pelo brilho e pela inquietação da grande festa que marcou o acontecimento máximo do turf brasileiro, com a victoria do cavallo «Mossoró», legitimamente nacional, filho que é do Estado de Pernambuco. O Grande Prêmio Brasil movimentou não somente os nossos círculos sportivos, porque por elle se interessou vivamente todo o nosso mundo social. Dahi a imponência da memorável tarde hippica, de que esta pagina offerece alguns flagrantes expressivos. Vista parcial do Hippodromo Brasileiro. A tribuna dos socios. Instantâneos do chefe do governo provisorio e de outras altas autoridades. Um flagrante da corrida. E o glorioso «Mossoró» triumphalmente victoriado pela multidão.

Esta photographia dá uma idéa da colossal multidão que se reuniu domingo á tarde, no Hippodromo Brasileiro, para assistir á emocionante disputa do Grande Premio Brasil, acontecimento maximo do turf nacional. Todas as archibancadas, todas as tribunas, todas as dependencias, emfim, do prado da Gavea estavam literalmente cheias. O povo derramava-se até pelo gramado, como alli se vê.

Alguns flagrantes da graça feminina que illuminou a tarde do Grande Premio Brasil, e um aspecto do hippodromo da Gavea momentos antes da victoria de «Mossoró».

Alto-Falante

NO JOCKEY CLUB

Na hora das apostas...

QUAND L'AMOUR MEURT...

NA esquina illuminada da vida onde, um dia, encontrei sua resplendente figurinha de mulher, parei, de novo, ainda hontem, para buscar recompor e fazer reviver o momento de felicidade do nosso primeiro encontro.

Em vão, porem, procuro refazer todo o scenario de deslumbramento, todo o ambiente de illusão e de sonho dentro de que, ha dois annos atraz, encantado e feliz, julguei ter encontrado no seu amor de mulher o suave refugio da minha consolação na vida.

Em vão...

Retina distendida para o passado, na afflictiva e angustiante evocação de uma felicidade que foi apenas miragem de felicidade, quedo-me, inquieto e triste, nesta esquina de vida, tão differente, hoje, tão differente!...

Uma sombra — sua sombra — essa sombra adorada, que foi a minha luz na vida, projecta-se, esfumada, no ambiente cinza da tarde que começa a commover-se na melancolia do crepusculo.

A esquina da vida em que a conheci...

Como ella parece longe, tão distante da sua e da minha vida, essa esquina, cheia de deslumbramento, que nos poz um deante do outro para que, juntos, o meu e o seu coração, a minha e a sua alma, marchassem confiantes em busca da felicidade que ambos, ha muito, vinhamos, em vão, procurando.

E sorriu-nos tanto a felicidade naquelle momento! A felicidade que eu loucamente, dolorosamente, quiz que fosse mais sua do que minha porque, tendo você, tendo o seu amor, eu tinha tudo na vida...

Mas você não comprehendeu, não quiz nunca comprehender que somos nós mesmos que, dentro da contingencia e da relatividade de tudo na vida, fazemos a nossa felicidade!

E você, que era toda minha felicidade, a pouco e pouco foi me deixando abandonado e só naquella esquina da vida onde, um dia, o destino nos reuniu.

* * *

QUAND L'AMOUR REFLEURIT...

— Escuta...

— Dize.

— Tenho medo...

— Medo, de que?

— Já nos illudimos uma vez. Soffri tanto!

— Soffremos ambos, querida. Não me comprehendeste...

— Nem tu a mim.

— Não nos comprehendemos os dois, é possivel... Nunca pude confiar no teu amor.

— Por que?

— Por que? Primeiro, és mulher e, depois, tuas attitudes eram as mais desconcertantes. Torturavas-me a todo momento e parecia teres mesmo prazer em me ver soffrer... Trazias-me n'uma duvida constante, inquietadora, afflictiva...

— Escuta...

— Dize.

— Tudo isso era...

— Que?

— Amor!

— Amor?

— Sim, amor. Amor que o meu orgulho e o receio de, um dia, me faltares, faziam que eu o concentrasse bem dentro de mim, embora muita vez tivesse desejo de dizer-te que te amava acima de tudo na vida! Como soffri!

— E propuzeste e realizaste o rompimento? Por que?

— Para não trahir a minha fraqueza deante da incerteza em que tambem sempre vivi...

— Incerteza? De que?

— Do teu amor.

— Louquinho! Mas, não sentias que eu te amava?

— Sim, mas duvidando sempre...

— E, agora?

— Agora? Agora... beija-me!

— Com um beijo de reconciliação?

— Não: com o beijo da nossa felicidade... da realidade do nosso amor...

MAX LINDER

NO JOCKEY CLUB

Duas lindas admiradoras de «Mossoró»...

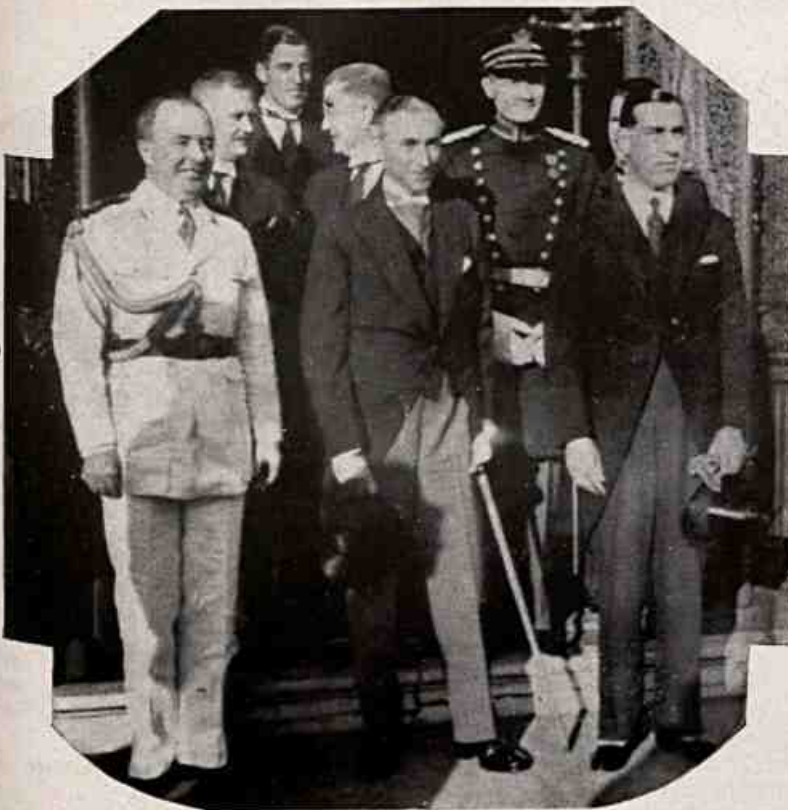
GUERRA

Ninguem negará que esta grande arte da guerra é a fonte das acções mais memoraveis. Porque a guerra é a maior das loucuras.

VAIDADE

Um invencivel escrupulo impede que os grandes façam o elogio de si mesmos. Mas nunca lhes falta um panegyrista ou um poeta disposto a atirar-lhes todo o incenso de que ne. cessitam.

ERASMO

Foi recebido na ultima terça-feira, em audiencia especial, pelo chefe do governo provisorio, o novo embaixador dos Estados Unidos da America do Norte, sr. Hugh Gibson, que fez entrega de suas credenciaes ao dr. Getulio Vargas. O sr. Hugh Gibson chegou ao Rio de Janeiro na semana passada, afim de substituir o embaixador Edwin Mongan, que acaba de deixar o Brasil. Assistiu á solennidade da entrega de credenciaes do novo representante diplomatico norte-americano o ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco. O nosso «cliché» representa o embaixador Hugh Gibson á sahida do palacio do Cattete, após a audiencia com o chefe do governo provisorio.

Em cima, a directoria e socios do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros reunidos por occasião da solennidade commemorativa do 90.º anniversario de fundação da prestigiosa agremiação de juristas, realizada segunda-feira á noite. Em baixo: flagrante do jantar de encerramento da Campanha Pró-Matre, que tambem segunda-feira á noite se realizou no Palace Hotel.

O HOMEM E A VIDA

Foi por um dia tranquillo de verão, sob um céo luminoso e irisado, que se encontraram os dois pela primeira vez. E foram ambos seguindo pela estrada.

Elle era joven e bello, e tinha uma grande e alta ambição. Era um homem feliz. Ella, radiosa de mocidade e de belleza, promettendo-lhe prazeres ineffaveis. E caminharam, caminharam, sempre juntos...

Mas, emquanto caminhavam, a sorrir e a cantar, ia-lhe ella tomando, uma por uma, todas as alegrias, todas as esperanças...

E elle, que já a amava, era cego para tudo que não fosse a sua belleza; era surdo a todas as vozes que não fosse a della, enganadora e pérfida.

E, após tomar-lhe a mocidade, a saúde e a belleza, ella abandonou-o a uma curva do caminho.

E quando elle se viu espoliado de todos os seus bens, quando elle se viu só, sem ambições e sem alegria, desolado comprehendeu que ella lhe havia mentido. E só então percebeu a perfidia e a vaidade de suas promessas.

Dahi por deante, a estrada pareceu-lhe mais sombria, a jornada mais penosa. E uma tristeza, uma amargura e um desencanto profundos encheram-lhe o coração. Foi esse o primeiro encontro entre o Homem e a Vida.

REGINA RIZIERI

Acaba de desapparecer, no Maranhão, uma das figuras de maior prestigio nos circulos industriaes e sociaes daquelle Estado: o coronel Candido José Ribeiro. Aos setenta e seis annos, depois de uma vida de actividades ininterruptas, de trabalhos honestos, de atitudes dignas, o grande industrial maranhense, que era o presidente do Conselho Consultivo do Estado, ainda se impunha, nos seus ultimos dias, pelo conceito do seu nome limpo e honrado de homem de bem. Sua palavra era sempre ouvida, com acatamento, mesmo fóra do meio em que elle desenvolvia, intelligentemente, a sua capacidade. De uma probidade impressionante, tornou-se um vulto inatacavel, que todos respeitavam e admiravam como um padrão de honradez digno das maiores homenagens de sympathia e apreço. Dahi a força moral que representava o coronel Candido José Ribeiro em todo o Estado do Maranhão, que lhe deve os melhores serviços. Proprietario de varias grandes fabricas de tecidos, era um verdadeiro amigo dos seus operarios, que, por isso mesmo, lhe dedicavam tocante affeição. Sua morte causou geral consternação em toda a terra maranhense, repercutindo com pesar nesta capital, onde o illustre extincto tinha muitos amigos e admiradores. O coronel Candido José Ribeiro era sogro do nosso prezado companheiro Lelio Vieira Machado.

Um grupo de intellectuaes moços promoveu, na penultima semana, uma romaria de saudade ao tumulo do grande abolicionista e republicano dr. Manuel Lavrador, no cemiterio de São Francisco Xavier, onde varios oradores exaltaram a figura do saudoso brasileiro.

Trepações

CHEGA sempre atrazada. Não diz nunca donde vem. E é a creatura mais innocente, que Deus botou no mundo. Ninguem ousaria perguntar-lhe, com malicia, aonde foi, nem porque se atrazou. E se alguem lhe perguntasse, ella seria capaz de dizer que foi rezar na igreja mais proxima. Tambem, com aquelle rostinho de santa, quem não acreditaria?

A senhorita escreveu á secção graphologica do jornal e ficou esperando a resposta, com ansiedade. Num cursivo bem claro, traçou quatro ou cinco periodos elegantes. E pensou: "Está ahi a alma. Inteirinha." Duas semanas se passaram. Afinal, no terceiro domingo, manhã cedo, ella abriu o jornal e leu: "Intelligencia viva. Imaginação. Poesia. Gostos de variar. Volubilidade." A senhorita sorria de contente. Chamou as irmãzinhas. Recomeçou a leitura, em voz alta. Muita cousa bôa. A certa altura, porém, parou. E avermelhou-se. Corada, como uma romã. As irmãs ficaram intrigadas. E pediram-lhe que continuasse a ler. Qual nada! A senhorita mudou de assumpto. Sorriu amarello e guardou comsigo o jornal. Uma das irmãs, porém, não se conteve e, com geito, mais tarde, procurou ver o que dizia o diabo da secção graphologica, que tanto desagradou á outra. E como as moças só não acham o que não querem achar, a endiabrada pequena leu, muito bem escondido, o retalho do jornal, que a irmã trancára a sete chaves... Depois das cousas bôas lidas através do bello cursivo da senhorita sua irmã, o graphologo entrára a dizer certas qualidades do seu caracter, que a gente prefere sempre ter occultas... Entre outras cousas, falou em libido e em certas expansões do temperamento, segredos da alma humana. A linguagem foi tão franca e, pelos modos da consulente, tão verdadeira, que ella cortou bruscamente a leitura em voz alta, escondendo, entretanto, o jornal com a sua ficha psychologica...

OS mais bellos romances de amôr começam, ás vezes, de insignificantes incidentes. Um encontro casual, uma amabilidade desinteressada podem inspirar o sentimento de um grande amôr.

Foi o que aconteceu a esses dois jovens apaixonados: ella, sulista; elle, do Norte. Encontraram-se aqui no Rio, dançando no Copacabana. Mal apresentados, nenhum guardou, de prompto, o nome do outro, mas logo se entenderam e se amaram.

Hoje, escondem o seu amôr (escondem, sim, que não podem revelal-o) num cantinho deste Rio, que parece ter sido creado para elles.

A alma ardente do nortista casou-se admiravelmente á alma ainda mais ardente da filha do Sul.

E vae em pleno enthusiasmo o romance, cujos personagens acreditam que o enredo será eterno. Ella, então, jura que o será. Elle, mais desconfiado, acredita simplesmente. Tambem só ha dois mezes se conhecem!

QUANDO elle estava apaixonado, aquella maneira, que ella tinha, de enlanguescer o olhar fazia-o doido. Era como si lhe fôsse até a alma a expressão de renuncia que ella dava aos olhos, fixos nos longes da imaginação, como na volupia imaginaria do proprio amôr.

Hoje, que se acabou tudo para elle, que desse romance não ficou nem a cinza de uma bôa recordação, o olhar da antiga heroina não o commove mais. Ella póde enlanguescel-o á vontade.

De artistas, na vida real, está elle farto. Uma gratidão, parece, entretanto, possuil-o: a da preservação a toda sorte de sentimentos frivolos. Ficou immune. E é nisso que elle pensa agora, quando, orgulhoso do seu novo amôr, a observa e a vê olhando com aquella sua antiga arte languida e triste, enganadôramente capaz de todos os sacrificios...

NO JOCKEY CLUB

Como é difficil escolher um cavallo!...

NO JOCKEY CLUB

A elegancia nas corridas.

Um aspecto do casamento da senhorita Carmelia Lindoso de Aguiar com o tenente José Ribamar Moreira Gomes, celebrado nesta capital. A photographia apresenta a noiva entre suas «demoiselles d'honneur», que são as senhoritas Dulce Lindoso, Maria Neves, Dinard Santos, Sylvia Vasconcellos, Octamires Oliveira, Maria Amelia Mattos e Maria Edith Lindoso.

TEU NOME

Nunca o disse a ninguém. Nalma guardei-o,
Escondendo-o de todos, com receio
que, si o dissesse a alguém ....
a minha voz, tremendo, me trahisse,
e alguém profanamente descobrisse
quanto eu te quero bem!

COLOMBINA

Enlace da senhorita Guiomar Soares Di Tomasso com o sr. Amadeu Di Tomasso, realizado nesta capital.

Enlace da senhorita Margarida de Toledo Piza com o sr. José Costa Abreu Sodré, celebrado em S. Paulo.

A senhorita Neida de Mello Cavalcanti no dia de seu enlace com o sr. Lauro Mendes, nosso confrade de imprensa e antigo collaborador de FON-FON. A noiva, figura de destaque em nossa sociedade, é laureada com o primeiro premio Medalha de Ouro do Instituto Nacional de Musica.

Rendas de espuma

ISA — Você me pergunta porque é que dei o titulo de *Azul e rosa* a meu novo poema. E' simples.

Uma tarde, uma dessas tardes de sonho, que se vêem nas aquarelas de um Robiquet, — o crepusculo dividia o céo de julho, em duas tonalidades distintas: ao oriente, era o azul de uma doçura profunda; ao occidente, o rosa alegre, o vivo de uma alegria contente que, em breve, iria se apagar na mancha da primeira bruma da noite.

Em baixo, um parque lindo e triste. Nos ramos, onde as folhas amarelavam, numa tinta meio ouro e meio côr de sangue, as cigarras estridulavam, como naquelas tardes do Japão, que Pierre Loti nos pinta nos seus livros. Em roda e perfil branco das estatuas. Elas tinham os gestos parados, na brancura dos marmores encardidos, como para nos ouvir a "causerie".

Um lago de agua triste, côr de chumbo, sob a penumbra que escorregava das moitas, espelhava a imagem clara do céo lindo, desabrochado numa *féerie* apoteotica.

O jardim, deserto. Os bancos de pedra, rudes e gastos, eram convites a que alguns pares felizes e distraídos não correspondiam... Braços dados, arrulhando como pombos, (não são os de Veneza, minha amiga...) preferiam passar, indifferentes, alheios ao crepusculo,e aos bancos rudes, mas presos á felicidade do amor.

Foi nesse momento de extase que a bela X...: (Quando se fala de uma mulher a outra, é prudente que uma delas fique numa incógnita...)

Sim, nesse momento patetico, Isa, a bela X... falou-me em poesia...

— A poesia? — retruquei — Fala por si, no "azul e rosa" deste crepusculo divino...

Ella disse, sorrindo:

— Sem querer, você crismou o seu novo poema. Por que não lhe dá esse titulo? Não procura um?

Acolhi a idéa com alegria. *Azul e rosa!*

Realmente, eu procurava um nome para o meu novo livro.

Foi ela, a bela X..., quem m'o sugeriu.

Vê você, Isa querida?

*

E mais ainda.

Olhando o lago, onde, mais tarde, uma estrela vaidosa veiu mirar a sua face branca, e luzente, eu me lembrei de dizer: "Ali está você, a reflectir-se no espelho da minha saudade..."

Ela observou:

— Faça dahi um poemeto... *A estrela do lago triste*...

Não fiz *A estrela do lago triste*... Fiz *A estrela da laguna*... Mas, só para ter independencia de idéas...

Noite! Perto do mar, n'agua tranquila,
nagua suja, sem côr,
da laguna impressionante,
Uma estrela pálida cintila
no seu romântico fulgor...

A estrela é branca e pequenina.
Uma estrela menina
para o céo que é tão velho,
no seu deslumbramento!
Uma estrela feliz e risonha demais
para mirar-se no recolhimento
da laguna
triste como a agua morta dos canais...
E, por mais
que o Destino una e desuna
a estrela pequenina
e a melancolia dagua triste,
— a estrela branca, de imortal beleza
e de romântico fulgor
virá mirar-se na tristeza
da laguna sem côr...

•

Tu és aquela estrela pálida, distante,
— a viver e a morrer pela vaidade!
E a agua da laguna impressionante
é a minha lírica saudade!

• • •

Creio, Isa, que está satisfeita a sua curiosidade. E por ahi verá você que é a mulher, a sua irmã de sexo, a verdadeira fonte da poesia...

Ytbs

ARTISTA DE DUAS ARTES

Hyldeth Favilla é uma artista scintillante, que sabe escrever e dizer lindos versos, pondo em tudo uma nota pessoal cheia da sua sensibilidade e da sua graça de mulher bonita. Poetisa e dsclamadora de brilhante talento, Hyldeth Favilla, que já publicou «Sarabanda Illuminada» e «Dôr Suave», tem triumphado nas duas artes com a mesma vibração emocional e o mesmo traço luminoso que marca a sua inquieta personalidade. Ainda agora temos a registar uma nova victoria de Hyldeth Favilla, que volta de São Paulo depois de ali realizar com successo um recital de declamação, cujo brilho artistico e mundano a imprensa paulista divulgou tecendo expressivos applausos á poetisa e á «diseuse» de tantas e tão justas consagrações publicas.

«FON-FON» EM S. PAULO

Ao dr. Henrique Eduardo Couto Fernandes, distincto engenheiro patricio, antigo director da Rêde de Viação Cearense e actual director da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, foi offerecido, pelos seus auxiliares e amigos, na cidade de Baurú, um jantar para commemorar o segundo anniversario de sua gestão nessa importante ferrovia paulista. O nosso «cliché» focaliza dois aspectos dessa homenagem, vendo-se um grupo dos comensaes e a mesa do jantar.

DENTRO DA ARTE BRASILEIRA

Iris Pereira

IRIS PEREIRA, filha das terras amazônicas, alma educada no pantheismo esplendido das florestas enormes, onde tudo é grandioso e fecundo, viu com os olhos grandes que Deus lhe deu, as minúcias da fauna nova e milenaria de nossa terra, os encantos gerais das flores e os desenhos particularissimos de cada sépala, de cada pétala dessa incomparavel flóra de perfumes e mistérios.

Iris Pereira poude compreender, enfim, por que a Naturesa a fez nascer no Amazonas: seria bem difícil encontrar quem tão bem pudesse interpretar aqueles labirintos de beleza, dando-lhes o cunho de síntese decorativa ou encontrando o seu aproveitamento ornamental para enriquecer o "home" brasileiro com todo esse tesouro inaproveitado que nós, perdularios de raça, esbanjamos ás mancheias de norte a sul do paiz ciclopico das grandes matas e dos grandes rios aos rincões e aos pagos vestidos de interminas planuras verdes em que as coxilhas se assemelham a infindáveis modulações de saudade e altaneirismo gauchesco.

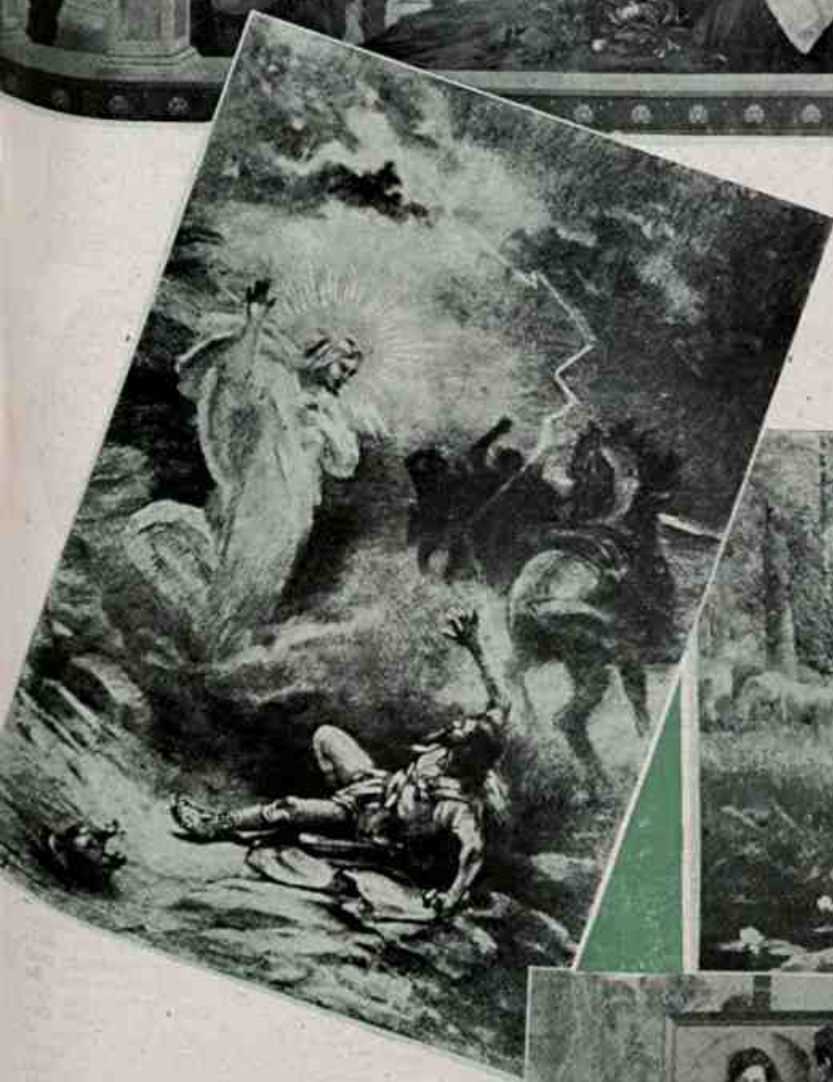
Senhorita Iris Pereira.

Iris Pereira só tem vinte e quatro anos e só ha dois que trabalha enriquecendo o seu album das mais surpreendentes atitudes das flôres virgens do norte, das mais esquisitas indumentarias de uma coleção zoologica de bem poucas familias.

Não se poderá pôr em evidencia este ou aquele trabalho da artista folklorica do Amazonas. Porém, deixando de lado tudo que adaptou ou emoções ás visitas das montras do Emilio Goeldi, o marajoarismo, são de indiscutivel valor e beleza decorativa os seus arranjos como o vaso de cabeças de aves amazonicas, a exposição de borboletas regionais, a série de flexas indigenas e toda a grande série de barras e paineis para parede, de cestos e objetos de trançado e os leit-motivos para tecidos.

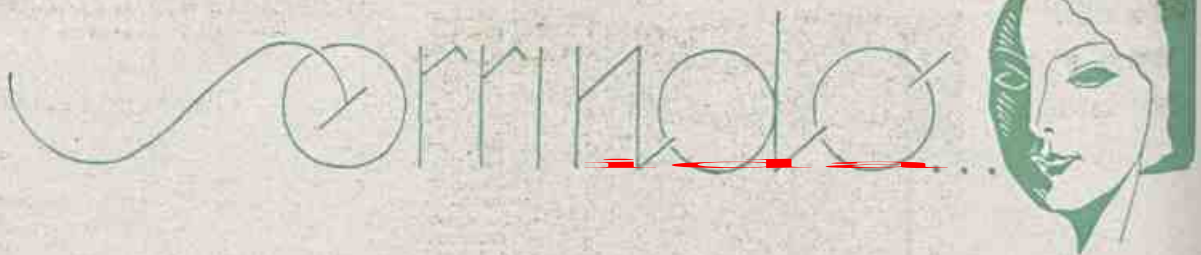
Iris Pereira alia, a um espirito de élite em matéria de estesia, invulgar adaptabilidade decorativa e habilidade manual verdadeiramente invejavel, o que lhe permite aprimorar daquele modo o seu original metier.

Pena é que sua exposição durasse tão pouco. Por que não a repete em lugar mais accessivel?

HERMAN DE IRAJÁ

«FON-FON» EM PARIS

* * *

(Vide artigo sobre estas photographias na pagina 51 da presente edição).

Algumas das ultimas telas do illustre pintor brasileiro Manuel Madruga, a mais recente photographia do artista e Madruga trabalhando em «Le primier roman», em seu atelier de Bois-Colombe. Os quadros que ahi se vêem são: «O Brasil apresenta ao mundo os productos de seu solo», que figurou no pavilhão do Brasil, na Exposição de Turim; «St. Paul sur le chemin de Dames» e «Sainte Genevieve».

SECRETÁRIO

ANTONIO BENICIO era secretário de um homem que recebia dezenas de cartas por dia, pelo facto muito simples de ser uma alta figura do governo de certo paiz. Mas Antonio Benicio, si fracassára, pela preguiça que o consumia, em outras profissões, déra um optimo secretário de ministro. Vertiginoso como ninguem. Quem diria!

Benicio, que não deixára de render o seu culto á indolencia, por uma questão de lealdade aos "velhos amores", continuou, secretario, inimigo do trabalho, coisa horrivel inventada pela ambição humana. De maneira que, encarregado de dar respostas ás innumeras cartas endereçadas ao ministro, Antonio Benicio achava mais commodo queimal-as, poupando-se, assim, ao sacrificio de escrever.

O ministro achava admiravel a rapidez com que seu secretário se desempenhava de sua missão quotidiana. E elogiava-o sempre deante dos amigos e collegas que o visitavam.

Certo dia, s. ex., querendo mostrar a um politico estadual, seu hospede e correligionario, a séde do Ministerio, para lá se dirigiu em hora placida de repouso administrativo. Chegou de repente, sem ser esperado, e encontrou Antonio Benicio "trabalhando". O indolente secretario estava occupado em levar ao fogo as cartas recebidas naquelle dia.

O ministro era um homem que sabia perdoar as fraquezas humanas e não se alterou vendo o secretário naquella attitude inquisitorial. Apresentou Antonio Benicio ao seu correligionario dizendo, com um sorriso paternal:

— Este é meu secretário. Rapaz trabalhador, como você vê. Estava respondendo a minha correspondencia...

M. C.

* * *

O marido acceitou o pastel que lhe offereceu a esposa e o devorou com desconfiança. Era uma homenagem que prestava ao primeiro trabalho culinario da mulher.

— Que é isto? — perguntou. Como se chama?

— Tirei-o de um livro de cozinha — respondeu, contente, a esposa. — E'... é...

— Já sei, já sei! — interrompeu-a, mais tranquillo, o marido. — Este pedaço duro deve ser a encadernação...

o.o.o

EDUARDO enthusiasmou-se tanto comendo as peças de seu adversario de xadrez, que no dia seguinte teve que tomar um purgante...

* * *

O marido, poeta. — Eu só consigo estar inspirado para escrever versos quando torço o bigode.

A esposa, distrahida. — E por que não fazes a barba?...

* * *

UM homem muito gordo, peso hipopótamo, da categoria dos paquidérmes, entrou numa casa de artigos para homens que estava realizando uma dessas liquidações loucas tão do agrado da multidão. Entrou e passeou os olhos pelos diversos artigos expostos.

— Deseja alguma coisa o senhor? — perguntou-lhe um empregado.

— Eu desejaria muitas coisas — respondeu-lhe o homem gordo. — Mas, infelizmente, só um artigo vejo aqui que me possa servir, como si fôsse feito sob medida: é este lenço de bolso...

* * *

COMMENTARIO de rua:

— Sim, dizem que a mulher é sempre mais bonita que o homem.

— Naturalmente.

— Não: artificialmente...

* * *

DE Ninon de Lenclos: "O amôr morre com mais frequencia de indigestão que de necessidade."

* * *

— ENCONTREI, hontem, na rua, teu marido. Ia tão distraido, que não me viu.

— Ele já me disse...

* * *

ABRAHÃO, o judeu de longas barbas patriarcaes, está agonizante. Mas, em um momento de lucidez, ainda chama seu filho, para dizer-lhe:

— Simeão, meu filho, traze-me a Biblia, a santa Biblia, a consoladora Biblia, que, embora eu já não tenha forças para ler, quero que tu, meu amado filho, me leias um pouco antes de minha viagem definitiva. Desejo estar bem preparado para minha entrada no reino de Jehovah...

E Simeão sáe de junto do leito paterno e volta, em seguida, com uma Biblia... Abrahão olha e examina detidamente o livro...

— Que Biblia é esta? — indaga do filho, após alguns minutos. — Será, porventura, a que se achava exposta na vitrine?...

— Sim, pae. Todas as outras já foram vendidas. Esta é a ultima que nos resta.

— Leva-a, então, depressa — falou o judeu — e colloca-a de novo onde estava. E, sobretudo, meu filho, não te esqueças do cartãozinho indicador do preço... bem á vista do freguez!

* * *

CONVERSANDO, um dia, no Brasil, quando aqui esteve pela ultima vez, sobre a sua theoria da relatividade, disse Einstein:

— Quando ella se houver consolidado, a Alemanha dirá que sou seu filho, enquanto que a França me chamará de cosmopolita. Agora, Einstein, na Alemanha, não passa de judeu, e, na França, é um simples allemão...

* * *

DISCUTEM um grego e um italiano, reclamando cada um para seu paiz de origem a honra de ser a patria da poesia.

E não chegam a um acordo.

Afinal, o súbdito de Victor Manuel encontra um argumento irretorquivel:

— Na Italia tudo é poesia. Até a nossa moeda... é a lyra...

OS 7 DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

DA PARAMOUNT

APAIXONADAMENTE

(PASSIONNÉMENT)

com

Fernand Gravey e Horelle

UM rico americano, Mr. Stevenson, chega a Cannes no seu yacht "Arabella", em companhia de sua esposa, Ketty. Trouxe-o á França o proposito de entrar em negociações com Robert Perceval, proprietario, na America do Norte, de vastas terras, onde acabam de ser descobertas valiosas jazidas de petroleo. Perceval desconhece o verdadeiro valor da sua propriedade, e Stevenson antecipa, portanto, que lh'a poderá comprar por dez reis de mel coado.

Stevenson é um homem de negocios autoritario e brutal. E' tambem um puritano, adepto fervoroso da lei sêcca, e como tem seus receios dos francezes, cuja reputação de galanteadores o apavora, elle obriga sua esposa a se fingir de velha, usando oculos e escondendo os seus lindos cabellos debaixo de uma cabelleira branca. Sob esse disfarce, pensa elle, a sra. Stevenson passará por uma velha, e não haverá "gavião" que se aventure a fazer-lhe a côrte.

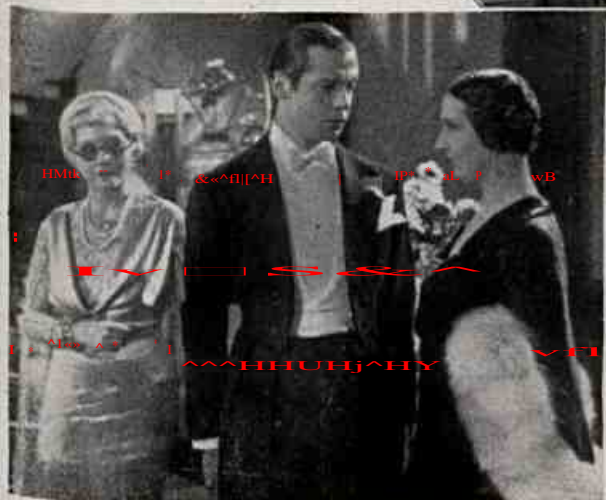
Infelizmente Perceval, que foi a bordo do "Arabella" discutir o negocio com o millionario, encontra-se com a sra. Stevenson que, julgando-o já longe de bordo, prescindira da cabelleira e dos oculos. Perceval acha-a encantadora e toma-se de subita sympathia por ella. A esposa do commerciante como meio de salvar a situação, faz-se passar por uma sobrinha de Stevenson, mas não deixa de prevenir o rapaz que seu "tio" está preparado para o embrulhar no negocio em andamento.

Perceval convidou os esposos Stevenson para um jantar na sua vivenda. A recepção é, porém, de subito perturbada pela intempestiva apparição de Helena Le Barrois, a amante de Perceval, e pela violenta erupção do sr. Le Barrois, empenhado em surprehender a esposa e vingar a sua honra ultrajada.

Graças á cumplicidade do commandante do "Arabella" e de Julia,

camareira de Mr. Stevenson, Perceval e a sra. Stevenson, que uma vez mais revestiu o seu natural aspecto, passam juntos a tarde e mesmo a noite, emquanto o millionario, chamado ao casino local para uma conferencia commercial com um compatriota, abjura da lei sêcca e descobre que não deixam de ter os seus attractivos as lindas mulheres, o champagne e os vinhos generosos da velha França.

Transformado pela acção do Pommery, Stevenson regressa do casino nas melhores disposições de optimismo e benevolencia. E' agora um homem amavel, generoso, desinteressado, e quando Perceval lhe pede a mão de sua "sobrinha", o millionario, afinal senhor da verdade, promette aos dois namorados que não lhes creará obstaculo. Elle offerecerá a Mme. um divorcio vantajoso, consagrar-se-á inteiramente aos vultosos interesses do seu business, e assim Perceval e Ketty poderão velejar a pleno panno e vento de bonança na galera do seu amor...

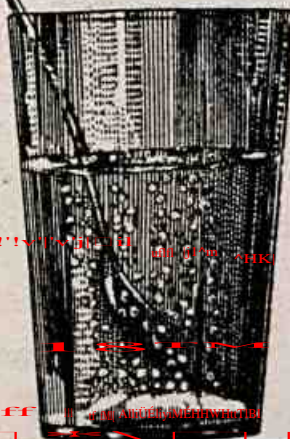
Tout est bien qui finit bien...

MULHER, SÓ AQUELLA — (NO OTHER WOMAN)

Film da R K O - RADIO

COM IRENE DUNNE, CHARLES BICKFORD E GWILI ANDRE

ANNA está numa cidade de vida intensa, onde se fabrica aço. Um espectaculo de fumo, eis o que vê, quotidianamente, sem possibilidades de variação. O sólo estremece, sacudido pelas vibrações subterraneas, pelo trabalho profundo de machinas absorventes. Detesta esse ambiente sombrio, de rumores soturnos, e de onde a alegria parece ter desertado. Tem outras ambições; sonha com atmosferas claras e tranquillas; deseja luz de firmamentos mais benignos. Comunica aos outros a sua propria ansia de libertação. Assim é que procura estimular Joe, um rapaz de escriptorio, para que se afaste, procurando outros meios. Joe — moço intelligente e dinamico — realiza sérias pesquizas no sentido de encontrar uma nova fórmula de anilinas. Elle já é naturalmente enthusiastico e ambicioso; e os conselhos de Anna só fazem accentuar, mais e mais, o seu desejo de um ambiente mais amplo e que lhe offereça maior "chance". Joe tem um amigo, Jim, que se acha contentissimo com o meio e orgulha-se de trabalhar bem com o aço. E' muito activo e tenaz, e não economiza nem esforços, nem energia. Certo dia, Jim procura Anna. Propõe-lhe casamento. E como ella permanecesse em silencio, sem nada dizer, elle continúa: descreve o futuro que os esperava; faz ver que os seus filhos seriam operarios heroicos das fabricas de aço. Então ella tem uma revolta subita, um desespero que não poude conter. Não! Não! Não queria que os seus filhos respirassem aquella atmosphera infernal das minas. E ella mesma não desejava, nem podia, continuar ali, intoxicando-se com a impureza do ar. Jim insiste, mas Anna mantém a negativa. Mais tarde, elle reconsidera a sua decisão. E' que ama Jim perdidamente e, afinal, os dois se unem pelo matrimonio. O casamento não diminúe a ambição de Anna. Na ansia de ganhar dinheiro, para a conquista de uma situação melhor, reúne muitos pensionistas na propria casa. Estava entregue ao trabalho, quando tem a noticia de que a fórmula de Joe fôra aperfeiçoada. Cheia de justo enthusiasmo, pede a Jim que empregue as suas economias na exploração da fórmula. Mas Jim se insurge immediatamente. Riu-se quando Anna observou que poderiam ficar ricos. E como ella insistisse, elle se enfureceu, dizendo: "Estou cançado de reunir economias para um futuro remoto, que nunca chega. Por que não ficaremos contentes com o que temos?!" Referindo-se, em seguida, ao trabalho de Jim, observa, com desdem: "Joe, um simples manipulador de canetas, poderá inventar alguma coisa que preste?" Os dois esposos discutiram ainda por algum tempo. Jim dirige-se, afinal, para um "cabaret". Commette muitas extravagancias e passa uma noite inteira em companhia de uma loura escandalosa. Tudo bem emquanto esteve sob uma nevoa da semiconsciencia. Ao amanhecer, porém, e já dissipada a embriaguez, arrepende-se. Sáe á rua, encontrando-se com Anna. Então diz-lhe, num impulso irresistivel de sinceridade, que era, ainda, o seu unico, o seu eterno amor. E' tal o seu arrependimento e tal o seu desejo de se redimir perante a esposa, que se manifesta disposto a empregar as economias na fórmula de Joe. Iniciando um trabalho intenso de propaganda em torno do producto, Jim faz com que elle se torne mundialmente conhecido. Organiza uma corporação. E, a cada dia que se passava, o negocio tinha um novo surto, um impulso maior. Alvoreceu, então, para Jim e Anna, a phase da fortuna. Vão para Pittsburgh, installando-se num verdadeiro palacio. Jim está deslumbrado com a sorte e começa a frequentar festas. Uma noite elle conhece uma sereia mercenaria, eximia na arte de seduzir. Ella se chama Margot e, depois de conversar longamente com Jim, propõe que elle se divorcie. "Só assim poderemos ser inteiramente um do outro", acrescentou, envolvendo-o num olhar de adoração. Jim vacilla, dizendo: "Anna é uma companheira delicadissima e não póde ser tratada assim. Além do mais, tenho um filhinho, Bobby, de quem não me afastarei".

Os amores de Jim com Margot constituem, em pouco, o alvo preferido da maledicencia de toda a cidade. Foram tantos os commentarios e tantas as indirectas, que Anna, armando-se de sua intrepidez moral, saiu ao encontro de Margot. Quando ella

(Conclúe na pag. 46)

MULHER, SO' AQUELA

(Conclusão)

chega á casa da rival, encontra lá, por coincidencia infeliz, o marido. Este fica furioso, mas Anna mantém uma serenidade muito digna e muito altiva. Margot olhava os dois, meio divertida. Anna sente que as lagrimas escorrem-lhe na face, ao lembrar-se de que ele havia dito, uma vez, que estavam ligados de modo indissoluvel: "Mulher só aquela" — declarára, inúmeras vezes, aos amigos, em alusão a Anna.

A atitude do marido, que se não atrevia a romper com Margot, fez com que a esposa humilhada se exasperasse: "Você não passa de um tôlo", exclamou para Jim. Acrescentou, após alguns momentos de silencio: "Não me divorciarei nunca de você. Quando esta farça estiver terminada, voltará para o lar".

Jim estava inteiramente enlouquecido pela paixão. Margot como que anulava todas as potencias de sua vontade. Ela fez com que ele intentasse uma ação de divorcio contra a esposa, sob a alegação caluniosa de infidelidade. Jim obedece e, mediante suborno, consegue depoimento, favoravel aos seus designios, da creada e do *chauffeur*. A ultima hora, aparece em scena um individuo que, nem siquer, conhecia Anna e que, não obstante, sustenta a acusação de infidelidade. O advogado de defesa tenta, baldadamente, desfazer a calunia. Nenhuma de suas tentativas, nesse sentido, produz efeito. O jury reconhece, por fim, que Anna não possúe qualidades moraes para se conservar com o filho. A pobre Anna, duplamente ferida no seu coração de esposa e de mãe, fita os jurados como que alucinada. Foi então que, vencida pela dôr, lança mão de um recurso desesperado. Assim é que se ergue e, voltando-se para o esposo, exclama:

— Póde obter o divorcio, mas não tem o direito de levar Bobby. Ele não é seu filho, ouviu?

Jim está emudecido. As palavras da esposa causam-lhe um abalo moral tão tremendo, que, quasi imediatamente, entra no seu juizo. Até então estivéra ofuscado, quasi louco, inteiramente absorvido por Margot. Mas o sofrimento como que lhe despertava a razão, mostrando que, naquela ação de divorcio, destruía a propria felicidade. Arrepende-se de suas ligações com Margot. Sabe que Anna mente. Admira na mulher o amor maternal. Para não perder o filho, enlameára a propria honra. Sob verdadeira crise de consciencia, confessa, em alto e bom som, que as testemunhas haviam sido compradas e pede que a ação de divorcio seja suspensa. O juiz atende-lhe á solicitação, mas ele é, em consequencia, condenado como perjuro. Vae para a prisão; amarga um periodo longo de encarceramento. Quando se extinguiu a pena, volta á usina de aço e sabe que a falta de uma orientação segura determinára a ruina da empreza de Joe. Ele está novamente paupérrimo e tem de si a impressão de que é um reprobo. Foi então que um raio de sol iluminou a sua vida. Anna procurou-o, de braços abertos, perdoando-lhe generosamente. Jim fala, com lagrimas na voz, dizendo que não merece o amor de uma mulher tão bôa, tão meiga. "Tôlo", diz-lhe Anna, afetuosamente. "Beija-me". Ele curvou-se para absorver a doçura infinita daquela boca em oferenda. E, em meio do beijo, ia pensando que Mulher, só aquela.

ANSEATICA

OS NOVOS PRODUCTOS DA

COMPANHIA HANSEATICA

SODA HANSEATICA
GUARANÁ HANSEATICA
LIMONADA HANSEATICA E
AGUA TONICA HANSEATICA

TELEPHONES:

8 - 0608
8 - 0609
8 - 5037

São os melhores e mais puros refrigerantes apparecidos no Brasil, pois, além de serem caprichosamente dosados, são fabricados com a mesma purissima agua da Tijuca, captada na propria nascente com que é fabricada a deliciosa e popular cerveja «Cascatinha».

AS MARCAS CONSAGRADAS DE CERVEJAS DA FABRICA SÃO:

Hanseatica
Hanseatica München
Hanseatica Pilsen
Cascatinha, Sumaré

EXPERIMENTAL-AS
É
PREFERIL-AS
A
QUAESQUER
OUTRAS

RUA DR. JOSÉ HYGINO, 115

RIO DE JANEIRO

FIM DE OUTOMNO

Findou o outomno. Rodopiam, na aza
do vento, as derradeiras fôlhas sôltas
que, em ondas amarellas e revôltas,
cáhem sobre o jardim de minha casa...

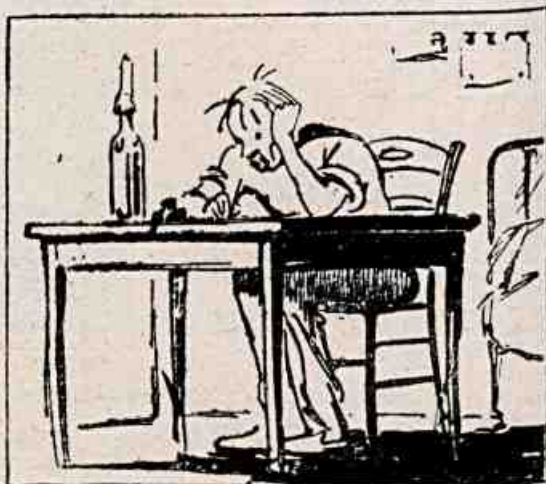
Aos poucos, cerrae a sombra, e se avizinha,
e se adensa o nevoeiro pelo espaço...
Emquanto, ao meu olhar, que é de cansaço,
vôa, cortando o espaço, uma andorinha...

Vae tão só pelo espaço, que me faz
ter saudade de Alguem — sonho e promessa —
que foi minha... E, depois, ah, tão depressa!,
partiu e não voltou, mais, nunca mais...

Na agua verde, ondulada, da piscina
nadam dois cysnes brancos, lado a lado...
Nas fontes, ha gemido... E, como um brado,
nas arvores, o vento sibilina...

E' o fim do outomno... Uma esperança, certo,
anda sorrindo entre os rosaes sonhando
— sonhando nóvos galhos rebentando
floridos, sob o inverno que vem perto...

Inverno... Tremem galhos... E' frio o ar...
A natureza se contricta, em pranto...
E a chuva cáe... Avulta a sombra... Emquanto
a minh'alma se ajoelha a soluçar...

STENIO DE SÁ

..."Senhor commissario: vou suicidar-me, por vontade propria, e, amanhã, explicarei verbalmente a razão pela qual o faço..."

Guia Scientifico

DE "FON FON"

Dr. BRANDÃO FILHO — Rua Senador Dantas, 44. 2as., 4as. e 6as., de 3 ás 5 hs. Tel. 2 - 3737.

Dr. R. PITANGA SANTOS — Doenças ano-rectaes. Rua do Passeio, 70 - 2.º Diariamente, das 4 ás 7 horas.

Dr. DOMEQUE DE BARROS — Gynecologista e Parteiro. Ex-assistente das clinicas dos Professores Bumm, em Berlim e Pozzi, em Paris. Tratamento moderno e sem dôr das hemorrhoides e demais moléstias das senhoras. Cons. A's 4 hs. — R. da Quitanda, 11. Tel. 2 - 8862. Res. Rua Pinheiro Machado, 7. Tel. 5 - 0593.

Dr. MERCALDO NEDER — Molestias de Senhoras. Regularisação Scientifica da Natalidade. Av. Rio Branco, 175 - 1.º 3as., 5as. e sabbados, das 12 ás 15 horas. Tel. 3 - 0449.

Dr. HERMINIO CONDE — Doenças e Operações dos Olhos. Das 14 ás 16 horas diariamente. Rua da Carioca, 6 - 5.º andar. Telephone: 2 - 3478.

Dr. LEITE DE CASTRO — (Chefe de Clinica da Beneficencia Portugueza). Clinica Medico Cirurgica. Vias Urinarias — Electricidade Medica. Assembléa, 98 - 3.º De 12 ás 17 horas. Tel. 2 - 0346.

Dr. ROSA MARTINS — Da Faculdade do Rio de Janeiro e da Universidade de Bruxellas. Cirurgia, Vias urinarias, Gynecologia. Praça Floriano, 55 - 10.º andar. Tel. 2 - 7983.

Dr. A. CRUVINEL RATTO — Vias Urinarias e Gynecologia. Praça Floriano, 55 - 10º andar. Diariamente. Tel. 2 - 7983.

Dr. ARTHUR BREVES — Da Beneficencia Portugueza. Operações. Urologia. Assembléa, 98. De 1 ás 3 e meia horas.

CLINICA DR. MOURA BRASIL — Do Dr. MOURA BRASIL DO AMARAL. Consultas de 2 ás 6 horas. Rua Uruguayana, 25 - 1.º Tel. 2 - 2289.

TRATAMENTO DA PELLE — Couro cabelludo. Cirurgia esthetica. Dr. PIRES. (Com pratica dos hospitaes de Berlim e Paris). Praça Floriano, 55 - 6.º andar. Tel. 2 - 0425.

Dr. OCT. RODRIGUES LIMA — Docente da Universidade. Partos-Gynecologia. Cons. diarias, 4 ás 6. Rua da Assembléa, 73 - 2.º Tel. 2 - 3733. Res.: 8 - 2737.

Dr. ARISTÃO GONÇALVES NEVES — Doenças internas. Diariamente, ás 10 hs. 3as., 5as. e sabbados, depois de 3 horas. 7 de Setembro, 94 - 5.º andar. Tel. 2 - 3464.

Dr. J. M. MONIZ DE ARAGÃO — Assistente do Prof. Fernando Magalhães. (Livre Docente de Clinica - Obstetrica). Partos e Moléstias das Senhoras. Rua Alcindo Guanabara, 26 - 1.º Diariamente, ás 5 horas.

Prof. A. GUEDES DE MELLO — Especial tratamento de pyorrhéa alveolar. Raios X. Praça Floriano, 55 - 3.º Tel. 2 - 2546.

Dr. CHRYSO FONTES — Medico e Dentista. Prof. da Universidade. Clinica e Cirurgia Especialisadas da bôcca e da face. Prothese restauradora. Praça Floriano, 55 - 10.º andar. Diariamente. Tel. 2 - 4386.

Prof. AGRIPPINO ETHER — Cirurgião Dentista. Av. Rio Branco, 143 - 5.º Diariamente.

Prof. AGNELLO CERQUEIRA — DENTISTA. Clinica especialisada de dentes artificiaes. Rua Rodrigo Silva, 32 - 4.º andar. Diariamente.

Dr. ALEXANDRINO AGRA — Dentista. Diariamente, desde 8 hs. São José, 84 - 3.º Tel. 2 - 6200.

Prof. ABELARDO DE BRITTO — Da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Dentes e Doenças da bôcca. Av. Rio Branco, 111 - 4.º, sala n. 401. Tel. 3 - 0265.

Dr. MARIO BOTELHO — Cirurgia e Clinica odontologicas. Av. Rio Branco, 183 - 10.º Tel. 2 - 7591.

Dr. J. FERREIRA ALVES — Cirurgião dentista. Raios X. Praça Marechal Floriano, 7. T. 2-0444.

Dr. ANTONIO BRANDÃO — Cirurgião-Dentista. Assistente da Faculdade Fluminense de Medicina. Praça Floriano, 55 - 7.º Tel. 2 - 1408.

Dr. SIMÕES DE OLIVEIRA — Cirurgia bucco-dentaria. Trabalhos de pontes e dentaduras. Electrotherapia dentaria. Alta-frequencia. Diathermia. Raios X. Praça Floriano, 55 - 6.º Tel. 2 - 4865, das 8 ás 18 horas.

INSTITUTO DR. ANYSIO DE SÁ — Analyses Chimicas de qualquer natureza. 175 e 177, Av. Rio Branco. Tel. 3 - 0449.

Dr. CARLOS FREIRE — Clinica Medica. 7 de Setembro, 94 - 5.º andar. Diariamente, ás 2 hs. Tel. 2 - 3464 e 8 - 1479.

Dr. JARBAS PENTEADO — Clinica Medica. Electricidade em Geral. Raios ultra-violeta, infra-vermelho, diathermia, banhos, condensadores, etc. Rua Ramalho Ortigão, 38 - 3.º Diariamente, das 14 ás 17 horas.

Dr. GARCIA JUNIOR — Clinica geral. R. Ramalho Ortigão, 38-3.º 3as., 5as. e sabbados, depois das 15 horas.

Dr. JORGE DE LIMA — Medico. Rua Alcindo Guanabara, 15 - A. 8.º andar. Tel. 2 - 9277.

Dr. HUMBERTO GOTUZZO — Doenças Nervosas. Rua 7 de Setembro, 111 - 1.º andar. Diariamente, ás 5 horas.

Dr. MORAES GREY — Cirurgia geral e urologia. Assembléa, 67-4.º Tel. 2 - 7816.

Dr. HERNANI LEGEY — Da Policlinica Geral. Clinica Urologica. Quitanda, 47 - 2.º Tel. 4 - 4513. Diariamente, das 13 ás 8 horas.

Dr. HUGO W. LAEMMERT — Cirurgia geral, doenças da mulher e partos. Rep.ª do Perú, 98 - 3.º Das 3 ás 6 hs. Diariamente. Tel. 2 - 1797.

Dr. MANOEL DE ABREU — Da Academia Nacional de Medicina. Radiognostico. Radiotherapia profunda. Av. Rio Branco, 257 - 2.º Tel. 2 - 0442.

Prof. LUIZ MEDEIROS — Doenças da pelle e syphilis. Assembléa 67, 2.º andar. 4 ás 6. Residencia: Barão de Ipanema, 67. T. 7-2898.

Dr. JOÃO R. BARBARA — Estomago, Figado, Pancreas. Curso de aperfeiçoamentos nos Hospitaes de Paris. Av. Rio Branco, 183. Tel. 2-7213. Das 2 ás 5.

Dr. ASDRUBAL ROCHA — Da Policlinica Geral. Clinica de Molestias de Senhoras. Diathermia. Diariamente, das 13 ás 17 horas. Quitanda, 47 - 2.º T. 4-1759.

Dr. HILDEGARDO DE NORONHA — Docente da Faculdade de Medicina. Clinica Geral. Diariamente, 4 ás 6. Rua da Assembléa, 73 - 2.º Res. Rua Professor Gabizo, 109. Tel. 8 - 1581.

Dr. MIRANDA JUNIOR — Doenças sextinas. Exame pre-nupcial, diagnostico e tratamento da syphilis, urethrites, prostatites, metrites, etc. Perturbações menstruaes. Eczemas, pruridos, varizes e tumores da pelle. Praça Floriano, 87 (canto da r. 13 de Maio. Das 3 e meia ás 6 e meia. Tel. 2 - 6902.

Dr. ROCHA MAIA — Cirurgião da Assistencia Publica, ex-assistente da Clinica Gynecologica da Santa Casa. Cirurgia Geral e Gynecologia. Rua da Carioca, 6 - 2.º Tel. 2 - 2691.

Dr. ERNESTO CARNEIRO — Com pratica nos hospitaes de Paris e Berlim. Trata pelo processo moderno do prof. Zuelzer, de Berlim, as ulceras do estomago e do duodeno sem operação. Novos meios de tratamento da hyperchlorydia, diarréas, collites, etc. Rua da Quitanda, 11. Tel. 2 - 8862, ás 15 horas.

Dr. FRANCISCO ELYSIO PINHEIRO GUIMARÃES — Assistente da Faculdade de Medicina. Vias Urinarias — Syphilis. Rua Uruguayana, 104 - 5.º

Dr. VILELA PEDRAS — Assistente Hosp. São Francisco de Assis. Molestias Internas. Rua Ramalho Ortigão, 38 - 3.º 2as., 4as. e 6as. Res. Tel. 8 - 1830.

PROTECÇÃO!

TEXACO
LUBRIFICAÇÃO
ESPECIALIZADA

é o systema moderno de lubrificação do chassis, com o lubrificante Texaco adequado

Proteger o chassis é prolongar a vida do carro, mas sómente productos de qualidade poderão offerecer a protecção efficiente.

TEXACO THUBAN COMPOUND — para a transmissão e differencial.

TEXACO MARFAK GREASE — TEXACO CUP GREASE para juntas universaes, etc., asseguram a melhor lubrificação e protecção.

Peça nos Postos Texaco, um Mappa Texaco de Estradas de Rodagem.

Os Postos Texaco ao lado teem garage para estadia e installação para lavagem de autos:

FLAMENGO - Av. Oswaldo Cruz, 61.

COPACABANA - Rua do Tunnel, esq. da P. 20 de Setembro.

GASOLINA
Gaz Secco
MOTOR OIL
Mais duravel

Um grande artista

"FON-FON" EM PARIS

Por BRICIO DE ABREU

(CORRESPONDENTE DO "FON-FON" EM PARIS)

SOU dos que evitam sempre falar da "arte nacional", porque, nesse assumpto, o Brasil é uma terra infeliz. Emquanto todos os paizes da America do Sul, em situação economica peor que a nossa, se esforçam por mostrar ao mundo os seus grande valores, promovendo premios e exposições, mantendo-os em situação digna em Paris, onde elles se aperfeiçoam, nós fazemos justamente o contrario. Nada existe e nada temos nesse sentido. Vivem em completo abandono, por parte dos poderes publicos, aquelles que poderiam elevar o nosso nome e o nosso valor artistico. Quanto pintor e esculptor de verdadeiro talento médra na escassez sórdida do nosso ambiente, sem que uma medida bemfazeja facilite o seu caminho de perfeição! Aquelles que, mais ousados, procuram, á custa de mil sacrificios, se aperfeiçoar em Paris, acabam sempre na eterna luta contra a miseria. E' esse o caso de Manuel Madruga, um dos maiores pintores brasileiros. Outros ainda, que os Estados subvencionaram, findo o curto prazo dessa subvenção, que não lhes deu para nada, ou são obrigados a voltar para o Brasil antes de terminar os seus estudos, como o grande esculptor Celso Antonio, ou procuram um "emprego" official, como Allpio Dutra, um pintor extraordinario, de grande valor, que a burocracia matou para a arte!

Isso tudo é profundamente doloroso, e, emquanto cuidamos só e exclusivamente de politica, esquecemos que é pela arte que se avalia a cultura de um povo e o seu gráo de civilização. Por que o nosso governo não se interessa pelos poucos artistas que temos em Paris e que trabalham de verdade? Temos uma embaixada e um maravilhoso embaixador, que, estou certo, saberia zelar pelo auxilio dado a esses poucos artistas. Manuel Madruga é um pintor admiravel, que só nos tem honrado, á custa sabe Deus de quantos sacrificios! E como elle, outros, que, sem recursos, impossibilitados de se dedicar exclusiva e seriamente á sua arte, perdem o melhor do seu tempo lutando com as mil difficuldades que aureolam o "pão nosso de cada dia!"

* * *

MANUEL MADRUGA é, hoje, o unico artista brasileiro que figura, com honra e encomios unanimes da critica, em todos os salões de Paris. Perdido em um atelier nos confins dum suburbio de Paris, Bois-Colombe, interrompendo frequentemente o seu trabalho, afim de ganhar com o que viver, não tem elle deixado de apresentar, em cada "Salão dos artistas francezes", quadros que honram sobremaneira o nosso bom nome artistico. E, no emtanto, modesto, conscio do seu enorme valor, nunca pediu nada, nem solicitou um auxilio e, o que é mais doloroso, como não tem padrinhos, nunca foi lembrado para nada, a despeito de Luiz Edmundo já lhe ter dado "um lugar de destaque na historia da nossa pintura".

Um dos maiores criticos de arte de Paris, que illustra as columnas de "Comedia" e da "*Revue du Vrai et du Beau*", falando da recente exposição do nosso artista no famoso "Salon", escreveu:

"*Ce dernier, éléve de Marcel Baschet, est un peintre de portraits, d'une technique sure et éprouvée. Il a acquis, dans ce genre, une renommée qui s'est manifestée déjà, avec plein succés, au Cercle Volney et va sans cesse en augmentant son champ d'action.*

Descendant artistique des grands maitres des dix-septiéme et dixhuitiéme siécles, Manoel Madruga se recommande par une facture rationnelle, des qualités de dessin, de coloris et surtout une juste compréhension psy-

(Cont. na pag. seguinte)

— Meu amigo, saiba que está falando com um homem que teve a coragem de escrever e publicar suas memorias!
— E o senhor saiba que está falando com um individuo que teve a coragem de lêl-as!

chologique de ses modèles.

Ce portraitiste averti cultive aussi la peinture d'histoire en philosophe et en érudit. Il trouve, pour traduire la nature des accents émus et vibrants et se revèle comme un penseur doublé d'un poète."

Mais adeante, sobre a famosa "Santa Genoveva", que causou enorme exito, diz ainda Saint-Hilaire:

"Le fleuve déroule lentement ses eaux calmes qui reflètent de beaux arbres, et sur le rivage, dans l'herbe haute, les brebis paissent dans les ruines d'un vieux temple. Saint e-Geneviève voit-elle déjà l'invasion des barbares, a-t-elle déjà pris conscience de son rôle? Ses yeux semblent chercher au loin la révélation qu'elle pressent, et son beau visage semble anxieux. C'est une belle, une très belle page qu'a écrite Manoel Madruga, sans grandiloquence, sans ces fautes de goût si ridicules qu'on trouve trop souvent dans ce genre."

E não foi só. Gabriel Boissy, o critico respeitado, sobre a mesma exposição de quadros no salão, escreveu:

UM GRANDE ARTISTA (conclusão)

"Au moyen du crayon de pastel, Manoel Madruga donne, sous le titre de Premier roman, le portrait d'une jeune femme brune, en robe jaune, à l'expression de physionomie rêveuse et qui est tout entière sous le charme que la lecture fait naître en elle. Remplie de grace et d'élégance, cette toile compte parmi les meilleurs numéros du genre parus dans le Salon.

D'une tenue absolument supérieure aussi, les roses blanches contenues dans un grès allant d'une tonalité grise à une coloration mauve enlevés au couteau par le même artiste. Ce tableautin est, peut-être, la pièce par excellence de l'exposition. C'est une merveille sous le rapport de la facilité d'exécution, de la fraicheur du coloris et de la puissance de l'effet lumineux."

Todos esses quadros, alguns medalhados, outros premiados com "menção honrosa", têm trazido sempre o nome do Brasil em fóco, em destaque honroso sobre toda a America.

Manuel Madruga é, realmente, um grande artista.

TRACTORES FORDSON A OLEO CRU

O custo elevado do combustivel tem trazido sérios embaraços aos fazendeiros que, lutando com uma situação ainda não de todo resolvida, não podem enfrentar despesas exageradas.

Não é raro encontrar excellentes e productivos Tractores Fordson relegados a um canto, em muitas fazendas, porque o combustivel muito caro tira a coragem de utilizal-os.

Felizmente, a Companhia Ford resolveu immediatamente agir em favor dos seus compradores. Realizou innumeras e exhaustivas experiencias e apresenta agora um accessorio valiosissimo para os Tractores Fordson, que permitte reduzir a quasi metade as despesas de consumo.

Trata-se de um novo vaporizador construido especialmente para esses Tractores, de modo a que elles possam trabalhar com oleo cru.

Isso representa uma notavel economia e uma grande simplificação no serviço. Vae augmentar a actividade dos Tractores Fordson. Aquelles que estavam inactivos pela falta de combustivel economico vão trabalhar novamente. E essa é uma noticia alviçareira de bastante significação para os fazendeiros e lavradores do interior.

— Nasci no dia em que morreu Victor Hugo.
— Uma desgraça nunca vem só-

Escriptores e livros

PARA VOCÊ é o titulo do livro de contos de Raul Lellis, annunciado para breve.

Para você deve ser uma especie de bombom delicioso para as mulheres, pois Raul Lellis é um escriptor brilhante, sobejamente conhecido através das paginas das revistas elegantes.

Pádua de Rezende — PELO DIVORCIO — Maranhão — 1933

CERTO de cumprir um dever de moço, sempre rebelde ás velhas doutrinas fracassadas na experiencia de muitos annos de luta incessante, o sr. Pádua de Rezende traz a sua contribuição sobre o assumpto, "no momento em que o paiz procura se organizar dentro das modernas concepções sociaes" (nós diriamos, precisa se organizar).

O trabalho é dedicado aos collegas do autor, alumnos da Faculdade de Direito do Maranhão, de cuja maioria reflecte o pensamento, segundo affirma. Sendo assim, é o caso de dar parabens á mocidade academica da Athenas brasileira. Trata-se de um folheto de quinze paginas, apenas, abordando cinco themas.

Infelizmente, ainda desta vez o divorcio não vae figurar na futura carta magna do paiz. O assumpto já não comporta discussão, mas o Brasil teima em se collocar fóra da civilização. Só mesmo quando a mocidade tomar conta dos postos avançados serão dados rumos novos ao paiz. Até lá, temos de aturar a bacharelice dos espiritos retrogrados, atados aos preconceitos de um direito fallido, o romano.

Edgar Rice Burroughs — A VOLTA DE TARZAN — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 3$

MAIS um interessante volume da *Collecção Terramarear*, em seguimento ás aventuras do "Filho das Selvas", que os leitores já apreciaram na téla. Trata-se de um trabalho admiravel, cuja leitura prende da primeira á ultima pagina.

Alfredo Ladislau — TERRA IMMATURA — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 5$

UM livro em terceira edição dispensa a referencia do critico. O publico já fez o julgamento da obra e applaudiu o autor. Trata-se, pois, de trabalho inicial de um escriptor que conseguiu empolgar, desde logo, a attenção do leitor explorando os segredos da Amazônia.

Por vezes o poeta sobrepuja o scientista, emprestando vivo colorido ás paginas que encerram o drama da terra immatura, resaltando o Amazonas deante dos nossos olhos deslumbrados.

Um bello livro!

Alcibiades Delamare — AMORES DA VELHA GUARDA — Schmidt, editor — Rio — 5$

DEPOIS de consultar uma série de livros preciosos, de autores consagrados, o sr. Alcibiades Delamare escreveu doze chronicas que despertam grande interesse, tendo em vista os assumptos explorados.

Bordando commentarios acerca de figuras destacadas do scenario historico, o autor soube imprimir aos trabalhos certo cunho de originalidade, a par de esmerada linguagem, reveladora de apreciavel conhecimento do portuguez.

O capitulo consagrado á *segunda esposa de Napoleão*, ou o *perfil da Récamier*, para não citarmos outros, são excellentemente traçados pelo autor, constituindo paginas de uma sóbria elegancia mental.

Tratando-se de um genero de prosa difficil, que exige serenidade na apreciação, segurança de citação dos factos historicos, o conhecimento perfeito do ambiente de épocas remotas, a iniciativa do autor redundaria num fracasso ruidoso, si não fôra a sua intelligencia, a sua cultura, experimentadas com successo nesta prova que redundou no volume *Amores da velha guarda*.

O desfile das personagens se faz com grande encanto para os olhos, evocando o passado que vae longe mas que não se apaga nunca para os espiritos menos vulgares, que se satisfazem com a vida terra-a-terra.

Octavio Domingues — EUGENIA — C.ª Editora Nacional — S. Paulo — 5$

EUGENIA, seus propositos, suas bases, seus meios, em cinco lições, eis como o professor Octavio Domingues define o plano de sua obra intelligente e útil, escripta com admiravel clareza. O volume pertence á série denominada *Iniciação Scientifica* e traz illustrações que facilitam o perfeito conhecimento da materia que o autor focaliza.

Mario Costa — NOVOS TROCADILHOS HUMORISTICOS — 1933

O autor diverte-se, divertindo o publico. E' uma deliciosa maneira de viver a vida, pois o bom humor é coisa rara nos tempos que correm. No intervallo da clinica o autor faz trocadilhos, e, ao que parece, o genero agrada, porque o livro está na 2.ª edição.

J. S. Fletcher — O MISTERIO MAZAROFF — Liv. Globo — P. Alegre — 5$

TRADUZIDO do original inglez, esta novella, que se caracteriza pela intensa movimentação, é dos melhores volumes incluidos na *Coleção amarela*.

Mario [signature]

UM MARIDO MOLLE!

— NOGA!
— Hein!
— Sabes?
— Que?
— Gosto de ti.
— Bobo!
— Por que?
— Não amoles...
— Quanto me custou fazer-te esta confissão!

— Si continuares com tolices, vou-me embora.

— Nada mais te direi.
— Fazes bem. E' melhor assim!

Não tirava os olhos de cima de Noga, isso havia já muito tempo; e percebêra ella as intenções do primo, já muito tempo havia também, mas fingia ignoral-as. Gostava delle, tinha pena delle e até já soffria um pouco por causa delle, por ter plena certeza da opposição de mammãe, quando rebentasse a bomba, consoante dizia ella mesma em conversa com a confidente, uma vizinha fronteiriça.

* * *

Que o raio lhe não cahisse em casa, pois era a maior desgraça, consoante dizia e redizia a progenitora de Noga, e não poderia haver coisa peor: casamento de primo com prima. E do bestunto arrancava argumentos chistosos. Falava em cruzamento de raça. Falava acêrca de familias cheias de pessôas rachiticas e inintelligentes por causa dos taes casamentos de parentes, não obstante se lembrar de conhecer muitos individuos sadios, espiritos superiores, filhos de primos irmãos; comtudo, affirmava ella só se dar isso no sertão, no meio da gente simples, pois nas cidades eram raros êsses casos.

A falta de escrúpulo nos centros cultos era a causa do que acontecia não só com os parentes como, igualmente, com quaesquer individuos cheios de máculas physicas, os quaes não hesitavam em casar sem primeiro curar as enfermidades, consoante contestava alguém. E quantos filhos mentalmente mutilados por causa do alcoolismo dos paes...

Dava ella então um muchôcho, mas, por falta de argumentos, não lhe dava o troco; e justificava o seu silêncio por não gostar de discutir com sabichão que falava em eugênia, empregando termos difficeis, pois de eugênia só conhecia o nome de mulher, sendo êsse o seu nome próprio.

Certo é que em certo dia dona Eugênia, *mimosa de condição mas dura dos fêchos*, descobrira o namoro da filha com o primo Janjão. Foi um Deus nos acuda, segundo commentava Noga. Moveu perseguição tenaz aos namorados e, em consequência disso, acabou brigando com a irmã della, progenitora do rapaz.

Janjão, amador do violão, dedilhava-lhe as cordas com agilidade. Alta noite botava o pinho debaixo do braço e, como Romeu shakespeariano, ia chorar as magoas debaixo da janella do dormitório da sua linda Julieta; não obstante mais de uma vez e cheia de cólera, haver dona Eugênia jogado agua fria por cima do menestrel afim de, segundo vociferava, acalmar aquella paixão furibunda.

Então, houve posteriormente alguns entendimentos entre pessôas das duas familias, e ajustou-se a paz com a condição dos primos desistirem do namoro.

* * *

Mais tarde, casára Noga com um cidadão de bôas qualidades moraes bom commerciante, mas este, após alguns mezes, tratava a mulher

De Hormino Lyra

com muita indifferença. Os negocios commerciaes absorviam-lhe todo o tempo.

Passando vida insipida, teve ella desejos de possuir um violão para se distrahir.

Este instrumento estava em voga na occasião. Jovens elegantes aprendiam dedilhar-lhe as cordas e, com o seu acompanhamento, cantavam modinhas brasileiras.

O marido déra-lhe o violão por não ter tempo de lhe dar carinhos; e êlle mesmo, em pessôa, procuràra Janjão e pedira-lhe dar algumas lições á mulher.

Esse era bom músico e não fôra máu violonista. A própria dona Eugênia reconhecia-lhe êstes predicados; entretanto, quando descobrira a simplicidade do genro, quasi estoiràra de raiva, mas fôra tarde, pois, quanto á idoneidade do rapaz para ser professor, isso agora já não era com ella.... Ah! Não era! Quem teria a ver com o caso seria o marido de Noga. Sim: seria só elle!...

Dona Eugênia podia metter a viola no sacco! Comtudo, mais de uma vez, e com pezinhos de lã, falára ao genro com o fim de lhe afastar Janjão de casa. Conhecia outro professor mais adestrado...

Debalde. Confiança não se impõe a ninguem!

Uma vez estava êlle ensinando a Noga um acompanhamento na terceira posição, no tom de dó maior, e pousára a mão grosseira sôbre a dextra gentil da alumna. E esta reclamára-lhe:

— Não fazes sahir nunca mais essa "manopla" dahi?

— Ah! Desculpa, Noga! Não foi por querer, mas tens a mãozinha tão macia...

* * *

Na pequenina cidade litoriana, berço de Noga, apparecêra esperto *cométa*, tocador de violão, o qual lhe tirava até faisca das cordas, como por brejeirice diziam os seus apreciadores. Perto desse gigante, na qualidade de violonista, Janjão era um pygmeu. O homem fazia solo de violão e o acompanhava simultaneamente. Os seus movimentos eram nobres, perfeitamente magestosos. Tocava o Hymno Nacional, tocava trechos do Guarany, da Carmen, da Viuva Alegre. Nas suas mãos o pinho gemia, chorava e, ao mesmo tempo, cantava. Quando fazia vibrarem as cordas do popular instrumento, só se ouvia isto: "E' um colosso... um bicho no violão!"

Desejára Noga conhecer o notavel violonista. Pressuroso, corrêra Janjão a ser-lhe agradavel. Conseguira falar ao artista e convidára-o a ir até a casa do negociante.

Acceitou o convite.

Foi uma noite de festa. Noga cantou modinhas brasileiras; Janjão, romanças mal sentimentaes; o *cométa*, uns sambas de arrepiar coiro e cabello!

Ficaram camaradas Noga e o forasteiro.

Em poucos dias começára o zum-zum: com uma pontinha de malicia os filhos da Candinha (1) commentavam a camaradagem e presagiavam ir Janjão ficar chuchando no dedo!

E em manhã de céo nebuloso a medo a cidade acordára de enervante pesadêlo. Um escandalo! Desappareceram os camaradas: Noga mais o *cométa* foram cantar noutra freguezia!

Porém havia um só culpado de tudo aquillo, como diziam, todos a uma voz: o negociante, que fôra sempre um marido molle.

(*Do livro inedito "No Reino dos Corações"*).

(1) A gente indiscreta.

OS CRIMES DE UMA RELIGIOSA

(SHERLOCK HOLMES POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

Como atraz do policia apparecesse Berber que por sua vez se encarregou de conter Harold em respeito, o effeito da situação era aterrador.

— Mãos no ar! ordenou o policia, e como Tribold se demorasse em obedecer, gritou novamente. Mãos no ar! e o gatilho do revolver fez ouvir um pequeno estalido.

Harold estava petrificado. Aproveitando a confusão geral, Ethel chegou-se para a janella e transpôl-a de um salto... mas somente, para logo em seguida soltar um grito terrivel.

O policia postado junto da janella tinha-a agarrado e algemou-a.

— Olá, meu rapazinho, disse elle aproximando-se da porta e entrando com ella, este pulinho foi inutil. Parece-me que aqui o sr. Holmes precisa trocar umas palavrinhas comtigo.

Nesta occasião appareceu Harry.

Com elle vinha uma mulher parecendo muito afflicta e cujo resto denunciava traços de uma perdida belleza.

— Oh! disse Sherlock, ainda bem que chegaram muito a tempo algumas testemunhas. Chegue-se aqui para o meu lado senhor Tribold... escusa de ter receio que o seu marido não lhe fará mal.

Quando Tribold viu a mulher de aspecto doentio e miseravel, ficou furioso como um louco e ter-se-ia atirado a ella se Sherlock Holmes de um salto se não mettesse entre ambos encostando o cano do revolver á cabeça do carpinteiro.

— Oh homem, trovejou elle, eu disse-lhe que você era um homem morto se não estivesse quieto. Avance, sra. Tribold e diga-nos o que sabe deste homem.

— Elle é meu marido, disse a mulher com voz monotona e como que pasmada, e fugiu-me quando ambos viviamos na Irlanda. Mais tarde casou com uma rapariga chamada Kitty Smith...

— Oh! interrompeu Berber, então não era sua irmã?! Mas porque apresentou-se elle como tal? Porque receava ser preso por bigamia? Elle já antes disso tinha travado conhecimento com a penitenciaria. Por tres vezes foi accusado por envenenamento e uma dellas foi condemnado. Evadiu-se então para a Inglaterra onde conseguiu seduzir essa rapariga.

— Ella amava-me! exclamou Tribold com uma expressão de vaidade. Kitty amava-me e consentiu em passar por minha irmã. Eu disse-lhe que só poderia entrar na posse de uma certa herança ficando solteiro aos olhos de todo o mundo.

— Sim, interrompeu-o com voz amarga a sra. Tribold, mentiste-lhe, enganaste-a assim; eu soube-o da bocca da propria rapariga. Então quando um dia eu soube onde tu estava e te procurei, tentaste estrangular-me e tive de fugir e esconder-me em Londres, onde vivi quasi morrendo de fome.

— Adeante! disse Sherlock Holmes, Kitty Smith sua segunda mulher, comquanto esse casamento seja nullo perante a lei, enganou-o com sir Frederico e elle matou-o dando-lhe um tiro á traição.

— E' a pura verdade, confirmou Ethel bruscamente, elle estava quasi louco de ciume e jurou vingar-se.

— Mente! mente! vociferou Tribold com os olhos injectados. Aliciou-me você e o seu amante, este senhor. Pagaram-me para que eu mattasse o fidalgo.

A um signal de Sherlock foram Ethel e Harold amarrados.

— Não é preciso mais nada, disse Sherlock Holmes, o resto eu mesmo posso contar. Aqui estão as provas de que a piedosa irmã de caridade pagou ao carpinteiro Tribold para matar sir Frederico. De resto, elle não podia já negar, pois que eu já verifiquei que a bala extraida da cabeça do morto era da espingarda do assassino.

Era uma arma de calibre pouco vulgar. No bosque onde elle tentou provavelmente estrangular sir Frederico, encontrou-se ainda um botão da manga da

O campeão de luta faz

camisa do assassino e um cartuxo. Além disso encontrei eu este invisivel bocadinho de lapis de carpinteiro. E' muito notavel... repara nisto Harry, como um objecto tão insignificante pode ser de tanta importancia.

Dizendo isto, o grande criminalista collocou o bocadinho de lapis em cima da mesa, e avançou para Harold William a quem elle, sem que ninguem o percebesse, não perdia de vista. Com um movimento rapido agarrou a mão de Harold que naquelle momento a levava á bocca.

— Alto lá! disse Holmes rindo, pode-se morrer envenenado, mas isso é quando se trata... de outra gente!

Dizendo estas palavras collocou um par de algemas nos poulsos do elegante patife e olhou-o com attenção:

— Sr. Harold William, tenho realmente muita pena que o sr. não possa pôr em pratica os seus projectos de falsificação e de um outro assassinato! Na realidade não pode agora provar que é um parente chegado da familia Elport, e por isso nunca poderá sonhar com a cobiçada herança. E da mesma maneira nunca a irmã Ethel será lady Elport. Lord Elport não casará com ella; mas em compensação irá para a penitenciaria de Reading aprender a fiar lã!

Os tres desmascarados criminosos tinham os olhos cravados no chão. Nenhum se atreveu a levantal-os.

— Vamos com esta digna trindade para o automovel! Harry vem comnosco, porque pode no caminho haver alguma surpreza.

Sherlock Holmes fez signal a um policia que esperava á porta, o qual, dando um assobio, chamou um espaçoso automovel, que esperava á distancia.

— Peço-lhe, supplicou Ethel, que me deixe ir primeiro ao castello. Pode-me acompanhar, para estar certo que eu não fujo. Eu preciso. Ouça, sr., eu preciso ir lá! Não se trata de mim, mas talvez da segurança dos habitantes do castello.

Sherlock reprimiu um sorriso e respondeu:

— Provavelmente vae-me contar que collocou em algum sitio uma bomba, que rebentará se a não fôr tirar, não é verdade?

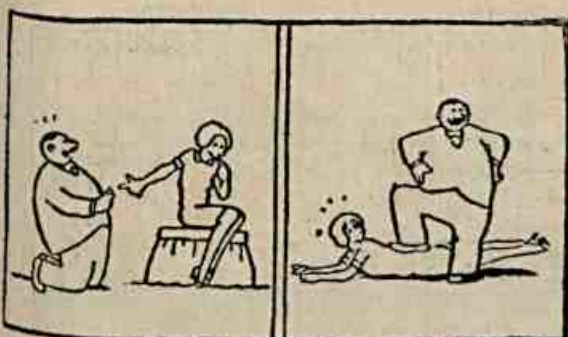
— Como sabe o senhor isso? exclamou Ethel com um terror tão bem simulado, que o policia esteve quasi a acreditar. Mas foi hesitação de um segundo apenas, pois que fixando com o seu olhar penetrante a mulher, disse:

— A senhora não collocou nenhuma bomba, miss Ethel, nem se trata de qualquer zelo pelos habitantes do castello, mas unica e simplesmente de si. Mas se tem muito empenho nisso vou consentil-o.

A um signal seu acompanhou Harry os dois policias que tinham amarrado Tribold e Harold e mettendo-se no automovel dirigiram-se para a cidade.

A senhora Tribold ficou no domicilio abandonado, para tomar posse da herança do esposo infame.

Com as mãos amarradas, conduzida por Berber e vigiada pelo policia, voltou Ethel ao castello.

O que ella queria ainda não se sabia.

Uma declaração de amôr...

— Levem-me ao meu quarto, pediu ella humildemente. Está lá o meu cofre...

— Oh! quanto a esse esteja descançada que já o revistei ha muito tempo. Escusa de me dizer que tem lá coisas perigosas!

— Mas tenho! o sr. não descobriu um segredo que elle tem. Percebi isso quando hoje á tarde vi que o sr. o tinha remexido. E foi até isso que deu origem á minha fuga.

— Que inhabilidade! A senhora devia calcular que não estava segura em casa do carpinteiro!

— Não fui Tribold... mas sim Harold William quem eu procurei, disse Ethel. Elle é meu amante e ao mesmo tempo o anjo máo da minha vida...

— Poupemo-nos a mais conversas, irmã Ethel. Só a senhora foi culpada da morte do Elport mais velho...

— Elle morreu de um envenenamento de sangue! exclamou Ethel violentamente.

— Sim, porque a senhora no hospital em vez de o salvar o lançou nos braços da morte! Tambem foi a senhora que exigiu o veneno de Tribold para o segundo filho, e que arranjou pretexto para elle vir ao castello e deitar o veneno no copo de sir Henry.

"E' tambem obra sua o terceiro e quarto assassinio: este ultimo tentou ainda hoje executal-o.

"A irmã tem um grande talento para estes crimes! Mas como nós não podemos fazer uso dessas habi.

(Continúa na pag. seguinte)

lidades, é melhor que termine numa penitenciaria os seus dias. Está prompta, irmã Ethel? Ou ainda quer despedir-se de lord Elport?

— Não não do lord! Mas desejava dizer algumas palavras a lady Elise... Escusa de receiar por ella, sr. Holmes. Eu estou amarrada.

Sherlock Holmes tocou e mandou pedir a lady Elise que descesse por alguns minutos. Emquanto ella não chegava passeiava Ethel agitada de um lado para o outro. O rosto estava ora vermelho, ora branco; parecia querer desfazer-se em lagrimas.

Quando Elise entrou, estava Ethel, com as mãos atadas nas costas, encostada ao toucador sobre o qual havia muitos frascos e todos os objectos de toilette.

— Lady Elise, disse Ethel com voz fraca, vós tendes tanto motivo como o sr. Holmes e todas as creaturas para me considerar como um ente perverso. Eu não posso porém, affastar-me d'este castello sem tentar me fazer comprehender por uma creatura do meu sexo. Vós amaes lady Elise... Eu sei... não o negueis.

Com grande altivez e muito afogueada, Elise encarou-a e disse:

— E o que tem isso que ver comsigo?

— Oh! já vae ver! Eu penso que vós amaes, e portanto deveis comprehender que eu commettesse todos os meus crimes pela ardente paixão que me ligava ao homem a quem eu queria ajudar a ter uma vida deslumbrante por elle sonhada.

— Seja assim, disse Elise com a mais absoluta indifferença. Mas para mim não ha differença quando alguem commette crimes seja por amor, por odio, ou por cobiça.

— Então não me quer estender a mão? exclamou Ethel com expressão dolorosa e baixando a cabeça. Ah! eu julguei poder levar commigo essa consolação.

E como Elise nesta occasião estava muito perto della, carregou Ethel com o pé num cordão que estava estendido no meio do chão.

No mesmo momento saltou de cima do toucador um frasco aberto, e teria cahido sobre a cabeça e corpo de lady Elise se Sherlock Holmes a não tivesse puxado para traz com violento repellão.

— Bem dizia eu! exclamou elle curvando-se e examinando o liquido fumegante que se espalhara num charco sobre o sobrado. E foi esta a intenção com que esta maldita quiz ainda voltar ao castello.

Dizendo isto, tirou da algibeira uma forte correia, agarrou Ethel, que ria diabolicamente, lançou-a sobre a cama onde lhe ligou solidamente os pés.

— Berber! Venha; nós ambos nos encarregaremos de a levar com segurança e de a entregarmos no posto de policia.

— Nunca tive maior prazer, sr. Holmes! replicou Berber. Na America subjuguei e matei muitas féras, mas nenhuma tão perigosa como esta irmã da caridade.

E mais uma vez Sherlock Holmes ajudara victoriosamente a justiça dos homens!

O velho lord Elport melhorou pouco a pouco da profunda commoção que sffrera com todos estes lances da adversidade. Seu ultimo filho Gerald e lady Elise que em breve foi sua esposa, fizeram todo o possivel para darem ao pobre lord um feliz declinar de vida. Como prova especial de reconhecimento presenteou o lord ao genial criminalista com o capacete de ouro da collecção de seu filho. Mas como de costume achou o policia que a sua melhor recompensa era ter inutilisado a acção dos criminosos que tantos crimes tinham praticado.

— De passagem, dizia Harry Taxon ao seu mestre, quando alguns dias depois ambos estavam sentados no domicilio do policia em Londres, soube uma noticia que o interessa mas que o não deve surprehender.

— Queres dizer que Ethel se suicidou?

— E' isso mesmo! Mas como é que suspeitou?

— Porque sabia que uma criminosa tão genial nunca podia concordar em viver numa penitenciaria o resto dos seus dias. Mas como fez ella isso?

— Oh! não foi muito difficil! Partiu o copo que lhe deram para beber de noite e com os cacos cortou as veias dos pulsos. Esta manhã encontraram-n'a esvaida na cella.

Sherlock Holmes ficou um pouco pensativo.

— Sim, disse elle finalmente, ella era realmente uma creatura extraordinaria! Linda como um anjo, prudente como uma serpente e damnada como um demonio! Até mesmo na prisão conseguiu illudir os guardas! E' pena que taes prendas a conduzissem a um caminho tão escabroso e horrivel. Bom, e agora não pensemos mais nella meu filho, dá-me os jornaes da noite e manda-nos preparar um bom grog. Talvez amanhã tenhamos novas missões a desempenhar.

F I M

No proximo numero, do mesmo autor:

O SUBTERRANEO MYSTERIOSO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.).....	48$000
Semestre (26 »).....	25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.).....	70$000
Semestre (26 »).....	36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.).....	78$000
Semestre (26 »).....	40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.).....	115$000
Semestre (26 »).....	60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

F O N - F O N

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Gyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

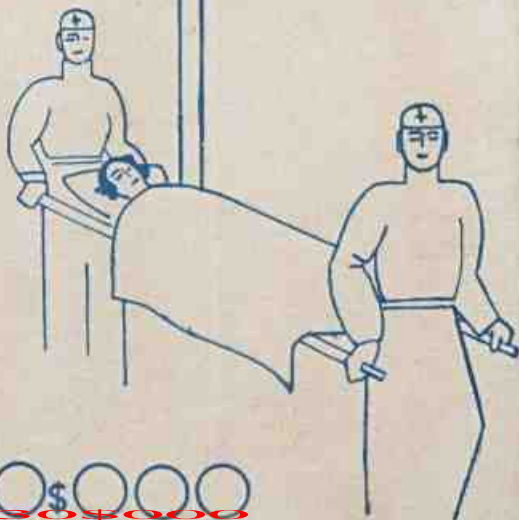
FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Garçon & Levindrey Rue Tronchet, 9 — France — Paris VIII Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

CASA DE SAUDE
Dr FRANCISCO GUIMARÃES
Rua Aristides Lobo 115
Tel. 2-1266
Diarias desde 15$000
Quarto particular desde 30$000

PENSE

ANTES

DE

GASTAR...

Um lote de terreno é o melhor presente para uma familia previdente. Empregue parte de suas economias adquirindo-o

Terrenos a longo prazo

TIJUCA — Situado no melhor ponto da Tijuca entre as Estradas Nova e Velha. A 20 minutos do centro e servido por bonds e omnibus

Parque NOVA IGUASSÚ. Logar saudavel e optimo para a pequena lavoura principalmente para a cultura da laranjeira.

(Propriedade de GUINLE IRMÃOS)

PRESTAÇÕES MENSAES DESDE

30$000

Informações com a secção de Terrenos da firma

EDUARDO V. PEDERNEIRAS

Av. Rio Branco, 85-A
1.° ANDAR
Rio de Janeiro
Praça Ministro Seabra 24-A
(NOVA IGUASSÚ)